

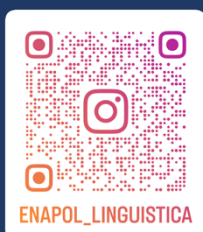
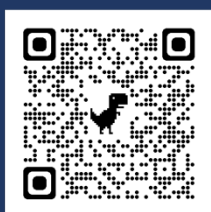
26^o EnAPOP 🙋

Encontro dos Alunes da Pós-Graduação em Linguística da USP

CADERNO DE RESUMOS 2023



ACESSE:



FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

CADERNO DE RESUMOS DO ENAPOL 2023

SÃO PAULO
22 a 26 de maio de 2023 - Número 26

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
Maria Imaculada da Conceição – CRB-8/6409

- E56 Encontro des alunes de pós-graduação em linguística (26. , 2023 : São Paulo, SP).
Caderno de resumos do ENAPOL 2023 [recurso eletrônico] : XXVI Encontro des alunes de pós-graduação em linguística, 22 a 26 de maio de 2023 / Comissão organizadora: Aline Bezerra Falcão de Oliveira ... [et al.]. -- São Paulo : Departamento de Linguística FFLCH/USP, 2023.
4.497 Kb ; PDF.

1. Linguística (Congressos). 2. Pós-graduação. 3. Linguística – Estudo e pesquisa. I.Título. II. XXVI ENAPOL.

CDD 410

Agradecimentos

A Comissão Organizadora do Enapol 2023 agradece a todas as pessoas que tornaram essa publicação possível. Em especial, pareceristas que trabalharam anonimamente, assim, contribuindo para o fazer científico brasileiro.

COMISSÃO ORGANIZADORA ENAPOL 2023

Aline Bezerra Falcão de Oliveira
Ana Rosa Frazão Paiva
Beatrice Nascimento Monteiro
Bruna Rodrigues da Silva Neres
Bruno Fochesato
Eduardo Prachedes
Flávia Giaccobo Ribeiro
Guilherme de Moura Cunha
Isabella Flud
Jennyffer Steffanny Pereira da Silva
João Paulo Fernandes Bento
Joyce do Nascimento Lopes
Lara Focesi Wolski
Lara Oliveira Vacaro

REVISÃO TEXTUAL

Aline Bezerra Falcão de Oliveira
Ana Rosa Frazão Paiva
Beatrice Nascimento Monteiro
Bruna Rodrigues da Silva Neres
Bruno Fochesato
Eduardo Prachedes
Flávia Giaccobo Ribeiro
Guilherme de Moura Cunha
Isabella Flud
Jennyffer Steffanny Pereira da Silva
João Paulo Fernandes Bento
Joyce do Nascimento Lopes
Lara Focesi Wolski
Lara Oliveira Vacaro

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Ana Rosa Frazão Paiva

ENDEREÇO

Prédio das Letras
Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 - Sala 16
Cidade Universitária - São Paulo – SP CEP 05508-010

APRESENTAÇÃO

O primeiro ENAPOL foi suscitado pelo interesse em abrir um espaço de interlocução e discussão das pesquisas desenvolvidas pelos discentes do Programa de Pós-Graduação em Linguística. Além disso, esperava-se que o Encontro fomentasse também uma oportunidade de o alunado se organizar coletivamente de forma mais direta e intensa.

No primeiro Caderno de Resumos do evento, a professora Esmeralda Negrão, então coordenadora da Pós, escreve que o ENAPOL “certamente porá em movimento um processo que não poderá mais ser estancado” e a primeira comissão, na mesma publicação, deseja que aquele seja o primeiro de muitos encontros de socialização das pesquisas. Era, naquele momento, um desejo coletivo que o evento que se iniciava pudesse se tornar uma tradição no Departamento, o que, de fato, ocorreu com o passar dos anos. O Encontro tornou-se uma tradição tão consolidada que rendeu frutos, os chamados miniENAPOL, organizados por discentes e docentes de especialidades específicas do Programa.

Ao longo de todos esses anos, o ENAPOL passou por diferentes comissões organizadoras, as quais contribuíram com diversas formas de pensar o evento. À medida que o Programa passava por mudanças, o evento também ia se transformando e ganhando novos contornos. Durante a pandemia, as comissões tiveram, ainda, o desafio de reformular o evento no formato on-line, com salas virtuais ao invés das salas físicas e comunicações realizadas de diferentes cantos do país. Nesse cenário, o ENAPOL resistiu graças ao esforço coletivo de discentes e docentes.

Na edição de 2023, o evento, enfim, retorna, de forma segura, ao formato presencial e volta a ocupar o espaço físico do prédio de Letras. Mas se, em um primeiro momento, sair do formato presencial foi um grande desafio, em um segundo momento, retornar ao formato presencial após três edições on-line revelou-se uma tarefa igualmente desafiadora, depois de anos de comunicações e debates à distância. A expectativa de superar esses desafios pauta-se no mesmo intuito que instigou a criação do evento: um desejo de interlocução e de engajamento coletivo.

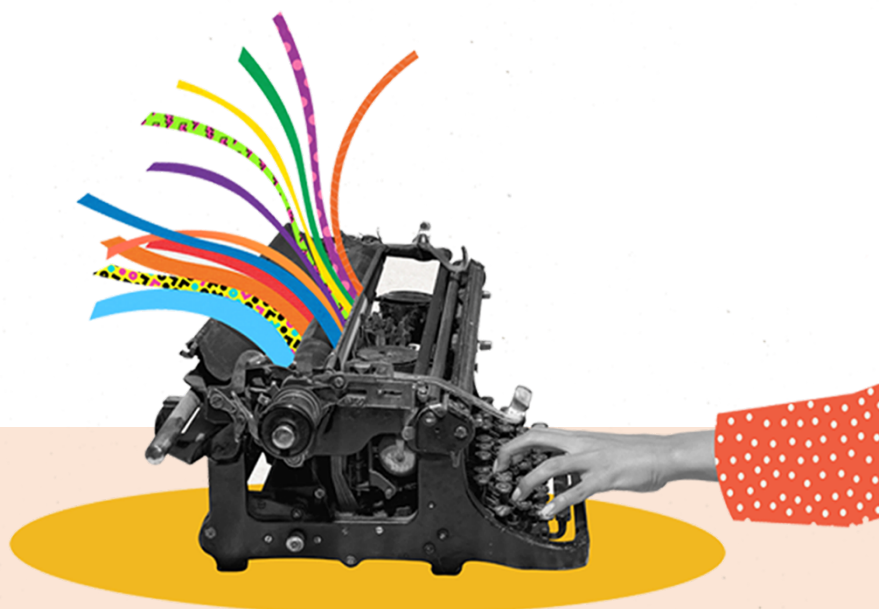
Nesse espírito de coletividade, pessoas egressas do Programa, que, em edições anteriores do ENAPOL, apresentaram suas pesquisas, retornam ao evento como debatedores ou orientadores, podendo contribuir novamente, agora em outro papel, com a continuidade do evento. Nesse mesmo espírito de

coletividade, as comissões criaram a tradição de “passar o bastão” uma para outra, socializando boas ideias, assim como impasses a se resolver e sugestões para edições posteriores. Na edição de 2023, esperamos que o ENAPOL possa continuar a ser esse espaço de troca, em que tanto o evento contribui para a formação de discentes quanto recebe a contribuição destes.

Neste Caderno de Resumos, estão reunidos os trabalhos da 26ª edição do ENAPOL, que tem como tema “Linguística e Diversidade: perspectivas e desafios”. O tema aponta para a diversidade *das* e *nas* línguas e linguagens, mas, se considerarmos o conjunto de trabalhos que compõem a edição de 2023 e estão registrados neste Caderno, podemos pensar que o próprio ENAPOL é uma amostra de diversidade: diversidade de abordagens, contempladas na amplitude de temas estudados no Programa; diversidade de participantes, de diferentes formações e origens, vindos de todo o Brasil (e também de fora dele), unidos pelo interesse comum de, através de diferentes perspectivas, vencer os desafios de fazer pesquisa.

Que possamos, através desse Encontro (e dos inúmeros encontros que ele proporciona), avançar nesse trabalho contínuo, conjunto e diverso!

Beatrice Nascimento Monteiro



SUMÁRIO

A PALATALIZAÇÃO REGRESSIVA DE T/D EM REVISÃO	17
Aline Bezerra Falcão de Oliveira	
COVARIÇÃO NA FALA DE MIGRANTES SERGIPANOS EM SÃO PAULO	18
Amanda de Lima Santana	
O HUMOR NA POESIA DE CHACAL: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA	19
Amanda Nakata Mirage	
DIREITO AO ESQUECIMENTO E AS CONSEQUÊNCIAS DO SEU APAGAMENTO ...	20
Ana Luísa Loureiro Bracarense Costa	
DESAFIOS NO PROCESSAMENTO AUTOMÁTICO DE TEXTOS DO JUDICIÁRIO BRASILEIRO	21
Ana Rosa Frazão Paiva	
DETECÇÃO AUTOMÁTICA DE IRONIA POR MEIO DE REPRESENTAÇÕES CONTEXTUAIS.....	22
Andressa Vieira e Silva	
ESTRUTURAS “MISTAS” OU “HÍBRIDAS”?	23
Ayrthon Breder	
DEMOCRACIA LINGUÍSTICA: O USO DA LINGUAGEM SIMPLES COMO FERRAMENTA DE ACESSO À INFORMAÇÃO	24
Barbara Regina Rocha de Freitas	
“TEM COMO DESLER?”: UMA ABORDAGEM MORFOSSINTÁTICA E SEMÂNTICA DE FORMAÇÕES INOVADORAS COM O PREFIXO DES-.....	25
Beatrice Nascimento Monteiro	
POESIA VISUAL: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA.....	26
Brígida Mônica Alves da Silva	
DESCRIÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO NAS NARRATIVAS CONTADAS NAS LÍNGUAS - CENA E LIBRAS	27
Bruna Rodrigues da Silva Neres	
CAMINHOS DA SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA BRASILEIRA (1980-2020): PARA UMA HISTORIOGRAFIA DAS COMUNICAÇÕES CIENTÍFICAS ORAIS	28
Bruno Fochesato Alves	

A PESQUISA EM ENSINO DE GRAMÁTICA NO BRASIL: UMA HISTORIOGRAFIA A PARTIR DE TESES E DISSERTAÇÕES PUBLICADAS ENTRE 1980 E 2022	29
Camila Carneiro dos Santos Silva	
FUTURO SINTÉTICO E PERIFRÁSTICO NO ANTECEDENTE DE CONDICIONAIS	30
Camila Cristina Silvestre dos Santos	
PROMOÇÃO DO ARGUMENTO TEMA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO	31
Camilla de Rezende	
OS HÍBRIDOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS QUE EMERGEM DO CONTATO ENTRE GALEGO E CASTELHANO	32
Cecilia Farias de Souza	
REVISITANDO A (NÃO)CONCATENATIVIDADE MORFOLÓGICA: UMA ANÁLISE CONCATENATIVA DOS HIPOCORÍSTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	33
César Elidio Marangoni Junior	
O PROJETO GRÁFICO DO QUADRINHO EXPERIMENTAL: APROXIMAÇÕES SEMIÓTICAS	34
Clarissa Ferreira Monteiro	
O “PERFUME DO SENSÍVEL” EM UM VÍDEO PUBLICITÁRIO DA NATURA.....	35
Cláudia Marques Fernandes Carlucci	
ESTUDO SEMIÓTICO DO POPULISMO: OS EFEITOS SENSÍVEIS DA MANIPULAÇÃO	36
Cleide Lima da Silva	
SEMIÓTICA E CARNAVALIZAÇÃO.....	37
Daniela dos Santos	
RESTABELECENDO A COMPREENSÃO MÚTUA POR MEIO DA LIBRAS	38
Delmir Rildo Alves	
ANÁLISE DAS CADEIAS ISOTÓPICAS EM PARÁBOLAS ESCRITAS EM LÍNGUA ESPANHOLA	39
Demócrito de Oliveira Lins	
APROXIMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS: A TEORIA DE AÇÕES CO-OPERATIVAS PARA ANÁLISE DE INTERAÇÕES EM TUKANO	40
Dora Savoldi da Rocha Azevedo	
O CONTEXTO EM SEMIÓTICA E O NEGRO NO CONTEXTO BRASILEIRO	41
Eduardo Prachedes Queiroz	
THE CASE WAS NEVER CLOSED: DUAS TEORIAS SOBRE O SURGIMENTO DE LÍNGUAS CRIOULAS.....	42
Everton Mitherhofer Bernardes	

MODELOS ESTATÍSTICOS DE REPRESENTAÇÃO DE INTERTEXTUALIDADE	43
Fábio Rezende de Souza	
A BUSCA PELA RETOMADA DA SANIDADE COMO IDENTIDADE PARA A PLENITUDE DO SUJEITO SEMIÓTICO EM O CONTO DA AIA.....	44
Flávia Giacobbo Ribeiro	
LÍNGUAS ASSOVIADAS: CARACTERÍSTICAS ACÚSTICAS E SUA RELAÇÃO COM A FALA.....	45
Gabriel da Cunha Marques Brasileiro	
AMPLIANDO A INVESTIGAÇÃO SOBRE IDEOFONIA NAS LÍNGUAS NATURAIS: O CASO DO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL.....	46
Gabriella Souza Oliveira	
VERBOS SOB A LUZ DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA: UM NOVO OLHAR PARA O ENSINO DAS FORMAS VERBAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	47
Giulia Yokomizo Girardi	
A ENUNCIÇÃO NO CINEMA E A PROBLEMÁTICA DO MALE GAZE	48
Gizelia Mendes Saliby	
A SEMIÓTICA MORFODINÂMICA ENCONTRA A ENAÇÃO: TENSÕES COGNITIVAS E LINGUÍSTICAS	49
Guilherme de Moura Cunha	
ENTRE O GÊNERO E A PRÁXIS: O JOGO DISCURSIVO DOS MEMES DE INTERNET	50
Gustavo André Táriba Brito	
PERCEÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE VOZES MASCULINAS E EFEITOS DAS VARIÁVEIS (-S), (CN) E (F ₀)	51
Isabel Pie	
A FLEXÃO DE IMPERFEITO NO MODAL EPISTÊMICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: EXPRESSANDO A PERSPECTIVA PASSADA?.....	52
Isabella Flud Pacheco	
O BLOQUEIO DA REGRA DA EPÊNTESE POR ALUNOS BRASILEIROS EM SITUAÇÃO DE IMERSÃO.....	53
Ivan Eduardo Tagliaferro	
A LITERATURA ENQUANTO MIMESIS: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA E REFLEXIVA DO LIVRO “O CONDE DE MONTE CRISTO”	54
Jennyffer Stheffanny Pereira da Silva	
O SISTEMA VERBAL DO KIPEÁ.....	55
Jéssica Natália Souza Cardoso	

O CASO DE TOMASELLO: UM EXEMPLO DE COMO FATOS PODEM SER DISTRORCIDOS POR TEORIA	56
Joana Bortolini Franco	
DAS TÁBUAS AO ECRÃ – DESCRIÇÃO DE NOVAS FERRAMENTAS DA ESCRITA E ANÁLISE TENSIVA DA EVOLUÇÃO DE SEUS SUPORTES HISTÓRICOS	57
João Furio Novaes	
AÇÕES BUCAIS COMO PRÁTICAS NA EMERGÊNCIA DE ENTENDIMENTOS SITUADOS EM UMA CONVERSA SINALIZADA	58
João Paulo da Silva	
ESTUDO DOS REFLEXOS DE *-AP- E *-AT- PROTO-TUPI NAS LÍNGUAS FILHAS	59
João Paulo Fernandes Bento da Silva	
A ASSIMETRIA ENTRE A PRODUÇÃO E COMPREENSÃO DE 'OU' COMO UM PROBLEMA DE OTIMIZAÇÃO BIDIRECIONAL	60
Jonathan Silva Torres	
A FALA PARAIBANA EM TEMPO REAL: O EMPREGO VARIÁVEL DO ARTIGO DEFINIDO DIANTE DE POSSESSIVOS E ANTROPÔNIMOS	61
José Vagner da Silva	
O SUJEITO MELANCÓLICO NOS ESCRITOS PESSOAIS DE TORQUATO NETO.....	62
Joyce do Nascimento Lopes	
O SISTEMA VOCÁLICO INFANTIL: A AQUISIÇÃO DA NASALIZAÇÃO.....	63
Júlia Lessa dos Santos	
SOBRE A ECOLOGIA SEMIÓTICA EM QUE EMERGIRAM AS PINTURAS RUPESTRES NA REGIÃO DA SERRA DA CAPIVARA, PIAUÍ	64
Julia Scheunemann Whitaker	
A MARGINÁLIA COMO UM MAPA DA INTERAÇÃO ENTRE O LEITOR E O TEXTO..	65
Juliana Ángel-Osorno	
OS CLASSIFICADORES NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)	66
Juliane Farah Arnone	
A PERCEPÇÃO E A PRODUÇÃO PROSÓDICA DE ORDENS, PEDIDOS, SÚPLICAS E AMEAÇAS EM DIÁLOGOS REAIS E ENCENADOS.....	67
Kamunjin Tanguele	
A ANÁLISE COMPARATIVA DE ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS DE LÍNGUAS TUPI	68
Lara Focesi Wolski	

[TESTEI POSITIVO PRA SAUDADE DE VOCÊ]: PREDICADO RESULTATIVO OU VERBO LEVE?	69
Lara Oliveira Vacaro	
ESTUDO TIPOLOGICO-COMPARATIVO MORFOSSINTÁTICO DE PREDICADOS NÃO VERBAIS EM LÍNGUAS DA FAMÍLIA TUPI	70
Larissa Da Costa Arrais	
“A ORDEM É SAMBA. SOMENTE SAMBA E NADA MAIS”: APONTAMENTOS INICIAIS PARA UM ESTUDO DA PLASTICIDADE CARNAVALESCA.....	71
Leandro Lima Ribeiro	
O ENSINO DE VERBOS TIPO GOSTAR DA LÍNGUA ESPANHOLA: ANÁLISES DE PROPRIEDADES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS	72
Leiliane de Vasconcelos Silva	
CONTROLE SOCIAL E TÉCNICAS DISCURSIVAS: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA...	73
Leonardo Reitano	
VOCALISES NA CANÇÃO POPULAR BRASILEIRA: ASPECTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE PRELIMINAR DE TIPOS SILÁBICOS	74
Leticia De Paula Veloso Silva Vieira	
O SINTAGMA NOMINAL COMPOSTO POR MODIFICADORES ADJETIVAIS NA LÍNGUA INGLESA: UMA ESTRATÉGIA DE ENSINO	75
Lisiane Ribeiro Caminha Vilanova	
“COMO SE CANTA EM UMA LÍNGUA TONAL?”: ESTUDOS PRELIMINARES.....	76
Lívia Gouvêa de Carvalho Moura	
A INTERPRETAÇÃO INFANTIL DOS ASPECTOS PERFECTIVO E IMPERFECTIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA OS ESTUDOS TRANSLINGUÍSTICOS.....	77
Luciana Aparecida Paraguassú Amaral	
RESTRIÇÕES SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS SOBRE O USO DO	78
Marcio Azevedo Vianna Filho	
AQUISIÇÃO DE VOGAIS ÁTONAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	79
Mariana de Freitas Martins	
A REGULAÇÃO SOCIAL COMO OBJETO SEMIÓTICO.....	80
Milton Souza Guiguer	
O COMPORTAMENTO PRONOMINAL SUJEITO E OBJETO NO PORTUGUÊS GUINEENSE (PG): SERÁ UM INFLUÊNCIA DO GUINEENSE?	81
Mohamed Malam Dabó	

O DITO CUJO: COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE RELATIVAS GENITIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR	82
Nathalie Torres Vila Nova	
O USO DE MANUAIS DE INTRODUÇÃO NO ENSINO DE LINGUÍSTICA: NOTAS HISTORIOGRÁFICAS	83
Pedro Henrique Camargo Freire	
ANALÓGICO E DIGITAL NA PSICANÁLISE DE LACAN	84
Pedro Leal Fonseca	
O PRIMEIRO PASSO PARA A CLASSIFICAÇÃO AUTOMÁTICA DE PREPOSIÇÕES INGLÊSAS EM ESPACIAIS E NÃO-ESPACIAIS	85
Rafael Macário Fernandes	
A INTERAÇÃO EM GRUPO/PÁGINA DO FACEBOOK: O OBJETO-SUPORTE COMO ACTANTE DA PRÁTICA	86
Raimundo Isídio de Sousa	
GRAUS DE PRESENÇA NA PRÁTICA ETNOGRÁFICA	87
Renato Albuquerque de Oliveira	
RACIOCÍNIO ESPACIAL QUALITATIVO EM TAREFAS EM RESOLUÇÃO DE CORREFERÊNCIA	88
Rodrigo Souza	
O LUGAR DAS LÍNGUAS ESCANDINAVAS NO GRUPO GERMÂNICO: ADELUNG E A CRÍTICA DE RASK	89
Rogério Ferreira da Nóbrega	
O USO DE SUJEITO NULO E SUJEITO EXPRESSO EM INGLÊS POR FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU	90
Rosiani Bueno de Oliveira Dias	
DAS FIGURAS DE RETÓRICA À PERSUASÃO: PROCEDIMENTO FIGURATIVO NO DISCURSO MORAL REYNO DA BABILÔNIA.....	91
Shenna Luíssa Motta Rocha	
O POLONÊS COMO LÍNGUA DE HERANÇA EM CONTATO COM O PORTUGUÊS NO MUNICÍPIO DE CRUZ MACHADO/PR	92
Sonia Eliane Niewiadomski	
SINTAXE COMPLEXA NA DEMÊNCIA DE ALZHEIMER.....	93
Stela Terribile Garbugio	
PARECER E SER EM UMA QUESTÃO DE OBJETIVIDADE.....	94
Sued Lima	

ENSINO SOBRE O PAPEL DE LÍNGUAS AFRICANAS NO PORTUGUÊS EM MATERIAIS DIDÁTICOS DO PNLD 2020.....	95
Tâmara Kovacs Rocha	
FIGURATIVIZAÇÃO E TEMATIZAÇÃO NA MÚSICA COTA NÃO É ESMOLA, DE BIA FERREIRA, E NA HISTÓRIA DO VÍDEO ESCOLA DE RICO E ESCOLA DE POBRE, DE WHINDERSSON NUNES.....	96
Teresinha de Jesus Ferreira	
USO DO PENSAMENTO EVOLUTIVO EM ESTUDOS SOBRE A(S) LÍNGUA(S): DISPARIDADES DE GÊNERO NAS PESQUISAS	97
Thiago Macek Gonçalves Zahn	
GLOSSEMÁTICA E MINERAÇÃO DE TEXTO.....	98
Tulio Ferreira Leite da Silva	
SEMIÓTICA, GÊNERO E DECOLONIALIDADE: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER ORIGINÁRIA BRASILEIRA.....	99
Vanessa Pastorini	
UM ESTUDO PILOTO SOBRE A PERCEPÇÃO DA FALA SINCRONIZADA: RESULTADOS DE UMA ESCALA CATEGÓRICA E UMA ESCALA CONTÍNUA	100
Verônica Penteadó Siqueira	
MUDANÇAS NO SIGNIFICADO DE “MENSTRUAÇÃO” AO LONGO DE SEIS DÉCADAS: EVIDÊNCIAS DE WORD EMBEDDINGS.....	101
Viviane Miekko Ito	

A PALATALIZAÇÃO REGRESSIVA DE T/D EM REVISÃO

Aline Bezerra Falcão de Oliveira

Esta apresentação traz uma revisão de estudos sobre o processo de palatalização regressiva de /t/ e /d/ no Português Brasileiro (PB), como em polí[t]ico ~ polí[tʃ]ico e [d]inheiro ~ [dʒ]inheiro. Tal caso de variação correlaciona-se a fatores linguísticos e sociais e se revela diferentemente pelas regiões do Brasil (CARVALHO, 2002; PAGOTTO, 2002; MATTÉ, 2009; BATISTTI; DORNELES, 2010; RIBEIRO, 2018; CARREÃO, 2019; FALCÃO, 2021; AMORIM et al, 2022; entre outros). A partir dessa revisão sistemática (PETTICREWE; ROBERTS, 2006) desses trabalhos, obtém-se um panorama diatópico da palatalização de /t,d/ no PB e dos fatores linguísticos e sociais que se correlacionam a tal variável, o qual orienta a preparação de um experimento de percepção sobre sua significação social em Alagoas, especificamente. Segundo Falcão (2021), a variável em foco se realiza de maneira distinta nas diferentes mesorregiões desse estado. Em Maceió, a variável idade é significativa: a variante palatalizada é mais frequente na fala dos mais jovens; em Arapiraca, é a escolaridade do falante que se correlaciona ao processo: aqueles que passaram menos tempo na escola empregam a variante palatalizada mais vezes; em Delmiro Gouveia, nenhuma variável social tem correlação com a palatalização. Além disso, a palatalização de /t/ é mais frequente do que a de /d/ nessas três cidades. Dessa forma, o experimento, em elaboração de acordo com a técnica *matched-guise* (LAMBERT et al. 1960; CAMPBELL-KIMBLER, 2009), vai testar se as percepções locais variam de acordo com o segmento em foco (/t/ ou /d/). Os ouvintes serão naturais de Maceió, Arapiraca e Delmiro Gouveia (principais cidades de suas mesorregiões em Alagoas), no sentido de verificar se as percepções deles variam significativamente. Além disso, os ouvintes serão estratificados de acordo com sua faixa etária, escolaridade e classe social, no sentido de testar o efeito desses fatores na percepção.

Palavras-chave: palatalização de t/d; revisão sistemática; experimento de percepção.

COVARIÇÃO NA FALA DE MIGRANTES SERGIPANOS EM SÃO PAULO

Amanda de Lima Santana

Em pesquisas de Sociolinguísticas sobre covariação (HINSKENS; GUY, 2016; BEAMAN; GUY, 2022 etc.), o encaixamento simultâneo de múltiplas variáveis é analisado, em determinada comunidade de falantes, com o objetivo de verificar se os indivíduos que tendem a empregar mais a variante a' da variável A também tendem a utilizar mais a variante b' da variável B (OUSHIRO, 2015). Além disso, tais estudos também buscam identificar quais são os fatores sociais e linguísticos que a promovem. No escopo da fala de migrantes, uma análise de covariação busca compreender se eles empregam as variantes típicas da comunidade anfitriã para todas as variáveis linguísticas em foco ou não. Para esta apresentação, foram analisadas simultaneamente a pronúncia das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, a realização de /t, d/ diante de [i] e as estruturas de negação sentencial (negação pré-verbal vs dupla negação/negação pós-verbal) na fala de 27 migrantes sergipanos residentes em São Paulo, de duas redes sociais (MILROY, 1987 [1980]) distintas (uma fechada – marcada pelo pouco contato com paulistas – e outra aberta – cujo convívio com paulistas é maior). Intencionou-se verificar: (i) se os migrantes que se acomodaram à fala paulistana em relação à vogal /e/ também o fizeram quanto à /o/ – configurando uma coesão no nível linguístico; (ii) se aqueles que se acomodaram para ambas as vogais também se acomodaram em relação às outras duas variáveis; (iii) e se alguns fatores sociais explicam os usos de pares de variantes nesse processo (idade de migração e configuração da rede, por exemplo). Os resultados indicam que a covariação se explica mais por fatores sociais que linguísticos: enquanto não se observa coesão entre o par de vogais, nota-se que os integrantes da rede aberta e aqueles que migraram mais jovens tendem a ser mais coesos em seus usos linguísticos.

Palavras-chave: covariação; acomodação dialetal; vogais médias pretônicas; pronúncia de /t, d/; estruturas de negação sentencial.

O HUMOR NA POESIA DE CHACAL: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA

Amanda Nakata Mirage

Neste trabalho, investiga-se, a partir da semiótica de linha francesa, quais os recursos discursivos e textuais estariam relacionados à construção do efeito de humor na poesia de Chacal, um dos principais expoentes da chamada *geração mimeógrafo*. Da coletânea “Tudo (e mais um pouco)” foram selecionados cinco poemas para análise. A pesquisa consiste em apreender os sentidos desses textos, com especial interesse nos mecanismos semióticos envolvidos na produção do humor, assim como identificar o significado desse efeito dentro da economia geral de cada poema. Propomos um diálogo entre o humor e os estudos da estesia pela Semiótica francesa. Como ponto de partida, dois aspectos com os quais tanto o humor como a estesia parecem estar envolvidos nos sugeriram esta aproximação: (i) a criação de sentidos inéditos – o efeito de recriação do mundo – e a decorrente *sensibilização* do enunciatário; e (ii) o uso da língua como fonte de prazer e de ludicidade, em outras palavras, seu caráter não utilitário. A partir dessas observações, sugerimos uma aproximação entre os estudos do humor e os da estesia. Como metodologia de pesquisa, emprega-se revisão bibliográfica, análise semiótica do *corpus* e interpretação de resultados. Como referencial teórico principal, situam-se Algirdas J. Greimas, Jacques Fontanille, Denis Bertrand, José Luiz Fiorin e Diana Luz Pessoas de Barros. Ainda, utilizamos o trabalho de Fiorin para os estudos sobre retórica e Norma Discini para a noção de estilo.

Palavras-chave: semiótica discursiva; poesia; humor; Chacal; estesia.

DIREITO AO ESQUECIMENTO E AS CONSEQUÊNCIAS DO SEU APAGAMENTO

Ana Luísa Loureiro Bracarense Costa

O mundo está em constante mutação sócio-histórica e linguística, o que atravessa a sociedade e, conseqüentemente, as Ciências Jurídicas, que devem estar em conformidade com a evolução social. A partir dessa ótica, este trabalho, fundamentado nas perspectivas teóricas da Semiótica de linha francesa, pretende analisar a votação do Supremo Tribunal Federal que concluiu que o direito ao esquecimento é incompatível com a Constituição Federal. O desenvolvimento desse trabalho é possível por a Semiótica configurar-se como uma ferramenta de estudo que permite estudar os fenômenos da linguagem por diferentes ângulos, inclusive pela temática do discurso jurídico. Assim, a partir dela visa-se efetuar possíveis leituras sobre o processo de (res)significação dessa decisão, analisando, brevemente, como tal posicionamento pode afetar a legislação vigente. Objetiva-se, também, demonstrar os efeitos de sentido diversos ocasionados pelos discursos e com isso a eficácia desse posicionamento no mundo, sobretudo jurídico. O trabalho intenta sopesar de forma breve o papel da moral social dentro da memória coletiva, analisando uma possível “dosimetria” da veridicção, uma vez que discurso jurídico prevalece por sistemas de manipulação, intentando-se para a persuasão do juiz. Assim, entende-se que não há uma verdade única, mas sim uma dosagem do que parece mais verdadeiro. Por fim, pretende-se fazer uma análise dos julgamentos morais que a própria sociedade faz de cada caso e as conseqüências sociais e jurídicas dessas deliberações.

Palavras-chave: semiótica; direito ao esquecimento; papel da memória coletiva.

DESAFIOS NO PROCESSAMENTO AUTOMÁTICO DE TEXTOS DO JUDICIÁRIO BRASILEIRO

Ana Rosa Frazão Paiva

Este trabalho contempla uma das etapas de pesquisa que investiga o sistema *Sinapses*, plataforma de gerenciamento de modelos de Inteligência Artificial (IA) que integra o *Programa Justiça 4.0*, projeto do Conselho Nacional de Justiça de fomento de desenvolvimento colaborativo de produtos que empregam IA no judiciário brasileiro. O objetivo desta etapa é tentar descrever alguns impasses que envolvem o processamento automático da norma escrita jurídica no desenvolvimento de modelos de linguagem para tarefas de geração de textos automáticos. O mapeamento desses desafios compreende parte analítica da pesquisa cujo foco é apontar questões particulares da norma escrita da área do Direito que representam impasses para seu processamento, tais como hermetismo, complexidade, uso de latinismos, culto ao canônico, pontuações específicas, ausência de padrões textuais, dentre outros. Dada a natureza da escrita jurídica brasileira, conformada por textos em linguagem pouco acessível, pode-se pensar se a reprodução dessa norma é necessária à sociedade. Admite-se, portanto, uma abordagem disruptiva por entender que ensinar máquinas a fazerem uso do texto jurídico requer reflexão acerca da necessidade de simplificá-lo. Daniel Jurafsky e James Martin, ao abordarem modelos de linguagem, atentam que modelos estatísticos podem ser ineficientes quando se processa conjuntos de textos com características muito peculiares. Para os autores, mesmo usando uma coleção grande para o treinamento, é possível que as estimativas fiquem abaixo do esperado em virtude de a linguagem ser criativa e que para construir um modelo de linguagem que traduzam documentos legais, é necessário um *corpus* de treinamento específico constituído por documentos legais (2021, p. 40). Espera-se, como resultado desta etapa, a elaboração de uma metodologia mínima de anotação de texto jurídico que seja capaz de auxiliar no pré-processamento para futuras aplicações na pesquisa.

Palavras-chave: linguística computacional; processamento de língua natural; linguagem jurídica.

DETECÇÃO AUTOMÁTICA DE IRONIA POR MEIO DE REPRESENTAÇÕES CONTEXTUAIS

Andressa Vieira e Silva

A ironia é um aspecto marcante no uso das línguas humanas, sendo muito utilizada em conversas cotidianas para falar sobre alguém ou alguma coisa em determinadas situações. Todavia, a interpretação de uma declaração irônica não é uma tarefa simples, pois depende do conhecimento compartilhado entre os envolvidos no diálogo, do conhecimento de aspectos de interação social e de mundo, do contexto em que foi produzida etc. Na Linguística Computacional, a ironia é tratada como a tarefa de classificar automaticamente um texto em irônico ou não-irônico. Essa tarefa é considerada difícil, já que a ironia é inferida a partir de conhecimentos externos ao sentido literal da sentença. As pistas superficiais, como palavras de intensificação e pistas ortográficas, podem ajudar na tarefa. Porém, é difícil detectar a ironia somente com essas informações. Portanto, a codificação de informações contextuais e conhecimentos de mundo é importante para a classificação de ironia. A presente pesquisa tem como objetivo analisar o uso de ironia em redes sociais, avaliando quais os marcadores de ironia e como detectá-la por meio de processamento automático. Na etapa atual da pesquisa, geramos um *corpus* de textos extraídos do Twitter relacionados a três temas: Política, Saúde e Entretenimento. Os *tweets* irônicos foram identificados a partir de marcações indicadas pelo próprio usuário, com as *hashtags* “#ironia”, “#sarcasmo” e “#sqn” (abreviação de “só que não”). Os próximos passos consistirão na avaliação de características linguísticas para a classificação de ironia. Para isso, serão testadas técnicas de análise de sentimentos para a identificação da polaridade (positiva ou negativa) em relação ao que foi dito, além de métodos de similaridade semântica para detectar possíveis incongruências entre o sentido literal e o expresso no texto. A expectativa é que essas informações ajudem na detecção de casos complexos de ironia, cujas pistas superficiais estejam ausentes ou falhem.

Palavras-chave: detecção de ironia; processamento de línguas naturais; redes sociais.

ESTRUTURAS “MISTAS” OU “HÍBRIDAS”? UMA HIPÓTESE SOBRE AS NOMINALIZAÇÕES SENTENCIAIS

Ayrthon Breder

A nominalização sentencial está associada a diversos fenômenos morfossintáticos, produtivos intra e translinguisticamente, incluindo a inserção de morfologia nominal e a manutenção de categorias funcionais defectivas em sentenças encaixadas. O exemplo mais conhecido vem do inglês *poss-ing* *John's building a spaceship* (ABNEY, 1987: 13). Como esperado para um domínio nominal, sua estrutura admite posse e afixação por *-ing* e recebe Caso em posições A(rgumentais), mas, como esperado para um domínio verbal ou sentencial, resiste a processos de pluralização, adjetivação e inserção de determinantes, enquanto admite modificação por advérbios e manutenção de semântica oracional. O caráter híbrido das nominalizações sentenciais é bem demonstrado na literatura, e compete para que suas estruturas respondam pelas mais complexas da Gramática. Seguindo Lees (1960), Chomsky (1970) e Abney (1987), formalistas como Alexiadou (2001) e Kornfilt & Whitman (2011) defendem que sejam caracterizadas como estruturas “mistas”, produto do domínio de D sobre C (ou outra categoria funcional da espinha da sentença). Nesse caso, contudo, a c-seleção de C por D é cogitada pontualmente para explicar a nominalização sentencial, sendo as limitações funcionais do DP resultante protagonistas de um extenso debate, ainda sem acordo entre os autores, sobre sua estrutura interna. Além disso, Frank & Kroch (1994) apresentam argumentos convincentes de que as gerundivas *poss-ing* não se comportam exatamente como DP. Desse modo, a Hipótese da Híbridação de Categorias (RODRIGUES & BREDER, 2022) emerge como análise alternativa, em que as nominalizações sentenciais são caracterizadas como estruturas “híbridas”, produto de um processo cognitivo que alimenta a sintaxe com categorias não-estranques (i.e., que envolvem um subconjunto de traços compartilhado). Em defesa dessa hipótese, demonstro como as gerundivas *poss-ing* do inglês apontam para a formação de um domínio híbrido do tipo C∩D (que compartilha traços de C e D), tratando a complexidade de seus exemplares à luz do formalismo minimalista.

Palavras-chave: nominalização sentencial; estruturas mistas; estruturas híbridas; Hipótese da Híbridação de Categorias.

DEMOCRACIA LINGUÍSTICA: O USO DA LINGUAGEM SIMPLES COMO FERRAMENTA DE ACESSO À INFORMAÇÃO

Barbara Regina Rocha de Freitas

Existe um descolamento entre a forma como se fala e como se escreve no Português Brasileiro. A discrepância entre as versões oral e escrita da língua não é nova, como é possível observar em trabalhos que recuperam a história do idioma como os de Faraco (2008), Lucchesi (2015), Bagno (2007), Pagotto (1999) e outros pesquisadores no Brasil e no mundo. No entanto, quando o acesso à informação é condicionado ao domínio do que Faraco define como norma-padrão da língua, esse distanciamento entre vernáculo e escrita causa problemas ainda maiores para a população brasileira, onde 3 em cada 10 adultos têm dificuldade na interpretação de textos (INAF, 2018). Apesar de abordar as variações linguísticas no papel, na prática, o ensino do Português insiste em valorizar a gramática sem explicar o motivo pelo qual ela é priorizada. O aluno sai da escola com uma concepção errônea da língua, reproduzindo um comportamento preconceituoso e míope em relação à realidade linguística do país. O objetivo deste trabalho é analisar o uso da Linguagem Simples em órgãos públicos, como sugere, por exemplo, o projeto de lei 6256/2019, de Erika Kokay (PT-DF) e Pedro Augusto Bezerra (PDT-CE). Além disso, serão utilizados os resultados de programas similares implementados pelos governos do Estado do Ceará (Iris) e da Prefeitura de São Paulo (011 Lab) para estudar o que já foi feito, identificar pontos de dificuldade e oportunidades de melhorias na comunicação pública. A motivação desta pesquisa é entender como valorizar esse conjunto de práticas não só em instituições governamentais, mas no ensino da língua, levantando possibilidades de substituir o ensino puramente prescritivo da norma-padrão por uma nova linguagem que democratize o acesso à informação.

Palavras-chave: democracia linguística, linguagem simples, acesso à informação, políticas públicas, ensino da língua, comunicação governamental.

“TEM COMO DESLER?”: UMA ABORDAGEM MORFOSSINTÁTICA E SEMÂNTICA DE FORMAÇÕES INOVADORAS COM O PREFIXO *DES-*

Beatrice Nascimento Monteiro

A cunhagem de formações inovadoras com o prefixo *des-*, especialmente nas redes sociais, é abundante: *desver*, *desler* e *desumilde* são alguns exemplos. Diante disso, este trabalho busca analisar essas formações através de uma abordagem morfosintática e semântica. A análise toma por base o modelo da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997) associado à Decomposição da Semântica Verbal (RAMCHAND, 2008). A proposta dialoga, ainda, com a literatura sobre negação afixal (HORN, 2001; CARTONI e LEFFER, 2010; JOSHI, 2012), assim como com trabalhos anteriores sobre esse prefixo (FIGUEIREDO SILVA e MIOTO, 2009; MEDEIROS, 2010; BASSANI, MEDEIROS e SCHER, 2011; DE BONA e RIBEIRO, 2018). Para essa pesquisa, constituímos um *corpus* com 120 ocorrências de formações inovadoras com o prefixo *des-* recolhidas através de postagens do *Twitter* realizadas entre 2019 e 2023. Percebemos a presença de duas nuances semânticas da negação afixal (aqui entendidas como leituras semânticas associada à negação): negação canônica (*desumilde*) e reversão (*desver*). Em ambos os casos, tem-se a mesma semântica – negação –, porém a concatenação do prefixo ocorre em diferentes posições sintáticas em cada nuance (MONTEIRO, no prelo): externamente ao categorizador em negações canônicas e internamente ao categorizador, negando o estado resultante, na nuance de reversão. No caso das formações inovadoras, há ainda um efeito semântico-pragmático que resulta dessas diferentes combinações. Em formações com a nuance de negação canônica como *desbonito*, a combinação inovadora entre prefixo e base gera um efeito lúdico (DAL e NAMER, 2018), de viés cômico e possivelmente eufemístico. Já em formações como *desler*, há uma quebra de expectativa em relação ao comportamento esperado do prefixo na nuance de reversão, uma vez que *ler* designa um evento irreversível. Contudo, essas formações costumam ser utilizadas em asserções *irrealis* e em asserções negadas (GIVÓN, 2001), expressando, também com um efeito lúdico, um desejo não realizável do falante.

Palavras-chave: negação afixal; prefixo *des-*; morfosintaxe; morfossemântica.

POESIA VISUAL: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

Brígida Mônica Alves da Silva

A literatura tem sido terreno fértil para experimentações abrangentes resultantes de determinadas apostas na capacidade da arte literária de dissolver convenções relativas ao uso de linguagens não verbais e, conseqüentemente, de estabelecer novas redes de produção de significado. No campo da poesia, é possível observar poemas visuais que, para transmissão de informação, oferecem uma visualidade proveniente do recrutamento dos sistemas linguístico e gráfico, operados por meio de procedimentos artísticos de sincretização que surpreendem expectativas poéticas convencionais. O poema visual, portanto, de diferentes maneiras oferece uma proposta de semiótica diferente do poema convencional, visto que a visualidade, considerada sua especificidade inalienável, é constituída por elementos como tipografia, imagens fotográficas e artesanais, formas icônicas, cores, além do aspecto gráfico do signo linguístico. Todos esses elementos, quando presentes no quadro gráfico do poema, são denominados pela semiótica greimasiana de formantes. Esses formantes contribuem para a constituição dos significados do poema visual em duas dimensões: uma figurativa e outra plástica. Dessa forma, é possível, por um lado, realizar uma análise figurativa do poema, segundo uma grade de leitura do mundo, isto é, uma reticulagem cultural que remete mais especificamente à problemática dos motivos, como também, por outro lado, ir além do aspecto figurativo com o objetivo de satisfazer o estudo semiótico das formas, em busca da apreensão da significação, não apenas subordinada à natureza do significante, mas alcançar a linguagem plástica dos poemas visuais, segundo uma semiótica das qualidades inteligíveis da dimensão plástica. Esta pesquisa propõe, a partir da abordagem da semiótica visual desenvolvida pela escola de Paris, analisar semioticamente a poesia visual, especialmente poemas que apresentam significantes organizados bidimensionalmente, tendo em vista seus formantes mais recorrentes, segundo as dimensões figurativa e plástica. Para isso, são imprescindíveis os estudos de semiótica visual desenvolvidos por A. J. Greimas, Jean-Marie Floch, Felix Thülermann e o do semioticista brasileiro Antônio Vicente Seraphim Pietroforte.

Palavras-chave: semiótica visual; poesia visual; visualidade; sincretismo.

DESCRIÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO NAS NARRATIVAS CONTADAS NAS LÍNGUAS - CENA E LIBRAS

Bruna Rodrigues da Silva Neres

Esta pesquisa investiga o processo de referenciação na *História da pera* contada em cena por uma surda moradora de Várzea Queimada, Jaicós-PI, com a finalidade de verificar as ocorrências de introdução e retomada dos referentes durante a contação de história. Outra etapa da pesquisa é cotejar as estratégias de referenciação utilizadas nas histórias contadas em cena e em libras para verificar semelhanças e diferenças entre essas línguas. Para isso, utilizarei os dados da pesquisa de Barbosa (2013), que estudou a referenciação na narrativa *O amor é surdo* contada em libras. Conforme Liddell, as referências dêiticas e anafóricas das línguas sinalizadas têm estreita relação com o espaço físico, pois nele são feitas associações às representações mentais dos referentes. Conforme Langacker (1991) o acesso ao mundo real, não ocorre de forma direta, mas por meio das representações mentais feitas desse mundo. Um exemplo disso é quando, nas línguas de sinais, faz-se um gesto de apontamento a espaços mentais, que conceitualizam pessoas, objetos e lugares. O principal dado que diferencia a introdução referencial da libras e da cena é que, em libras, o narrador organiza o discurso em tópico e comentário, geralmente utilizando um nominal seguido de gestos e apontamentos para fazer referência às entidades. Na história contada em cena, a maioria das ocorrências de introdução também ocorreu por meio de um nominal, porém, em alguns casos, a narradora fez pantomimas e gestos como forma de introdução referencial. O comparativo entre as narrativas leva a crer que a diferença no modo de introdução acontece porque a libras é uma língua com uma gramática mais habitual, ou estável, enquanto a cena está em processo de desenvolvimento com uma gramática ainda não consolidada que parece estar em processo de compreensão pelos usuários da língua. Porém, ambas têm o mesmo valor, pois são efetivas para fins interacionais.

Palavras-chave: referenciação; cena; libras; contação de história.

CAMINHOS DA SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA BRASILEIRA (1980-2020): PARA UMA HISTORIOGRAFIA DAS COMUNICAÇÕES CIENTÍFICAS ORAIS

Bruno Fochesato Alves

Esta comunicação apresentará os desenvolvimentos de um projeto de mestrado interessado em investigar os caminhos pelos quais a Linguística Histórica brasileira se consolidou a partir de uma fase de renovação de vieses no final de 1980 (FARACO, 2009, p. 104). Influenciados pelos aportes da sociolinguística laboviana, do funcionalismo e do gerativismo, a geração de pesquisadores dessa década retorna de seu processo de doutoramento no exterior com interesses renovados para a pesquisa diacrônica. Em 1984, a mesa-redonda *Problemas de Linguística Histórica* foi incluída na programação da ABRALIN com a participação de Fernando Tarallo, Marco Antônio Oliveira e Carlos Alberto Faraco. Acreditamos, ao lado de outras de outras revisões históricas para o campo (FARACO, 2009; MATTOS E SILVA, 1988), que a ocasião dessa mesa representa um marco para o campo, a exemplo de comunicações como *A Fênix finalmente renascida* (TARALLO, 1984, p. 95-104). Isto posto, cabe observar que temas, agenda de pesquisa e modos de trabalho poderiam ser associados a Sociolinguística Histórica com especial atenção para a “pluralidade de abordagens” que parece característica nessa subárea (MATTOS E SILVA, 1999), como também observar quais foram as filiações entre orientações e núcleos de pesquisa envolvidos nesse novo momento. Podemos, assim, discriminar continuidades e descontinuidades entre os prognósticos e revisões históricas e o desenvolvimento da linguística histórica *stricto sensu* no Brasil de modo a reconstruir os horizontes de retrospecto persistentes nessa especialidade (AUROUX, 1992: 11) e seus “programas de investigação” (SWIGGERS, 1981a, 1991a, 2005[2004], 2009). O projeto parte de comunicações científicas dos anos 1980 e propõe-se a examinar como outras comunicações (2020), na ABRALIN, podem permitir compreender uma parte recente dos percursos dessa especialidade no Brasil. Pretende-se expor, assim, uma análise destes materiais: as falas, tomadas como programáticas, de Rosa Virgínia Mattos e Silva e de Fernando Tarallo; palestras, comunicações e mesas-redondas do evento virtual *Abralin Ao vivo: Linguists Online*.

Palavras-chave: Historiografia Linguística; Linguística Histórica; Sociolinguística Histórica; comunicações científicas.

A PESQUISA EM ENSINO DE GRAMÁTICA NO BRASIL: UMA HISTORIOGRAFIA A PARTIR DE TESES E DISSERTAÇÕES PUBLICADAS ENTRE 1980 E 2022

Camila Carneiro dos Santos Silva

Considerando as diferentes abordagens, teorias e metodologias para e de ensino do português brasileiro enquanto L1 e os trabalhos focados no tema, objetivou-se traçar um perfil da produção acerca do ensino de gramática dessa L1 nos últimos trinta e dois anos e, dessa forma, identificar possíveis tendências ou lacunas. Para tanto, escolheu-se analisar as produções acadêmicas, teses e dissertações, resultantes dos programas de pós-graduação do país das grandes áreas de Linguística, Letras e Artes, a partir dos pressupostos da Historiografia Linguística, com base em Coelho (2021) e Coelho e Hackerott (2012). Os parâmetros de análise da Historiografia Linguística mobilizados até este momento para organizar e tratar as informações externas aos textos são: nomes dos autores, nomes dos orientadores, ano de publicação, grande área, instituições de ensino superior responsáveis pelas publicações, programas de pós-graduação e estado da federação. Do ponto de vista interno, levam-se em conta: título dos trabalhos, vínculo teórico principal, fenômeno/processo morfossintático enfocado, presença/ausência de proposta de intervenção/modelagem didático-pedagógica, e, por último, o que se toma como foco da pesquisa (o professor, o aluno, o material didático, as estratégias de ensino, entre outros). A Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) foi a base escolhida para o levantamento de dados, e o software gratuito e *online* Google Worksheets foi utilizado para a sua organização. Na BDTD, buscou-se pesquisar, primeiramente, produções acadêmicas nas quais as palavras-chave “ensino de gramática” estivessem presentes, fosse no título, nas palavras-chave e/ou no resumo de cada trabalho. O trabalho conta com alguns resultados, frutos da pesquisa feita para o meu trabalho de conclusão de curso da graduação, que abrange os anos de 2009 a 2019.

Palavras-chave: português brasileiro enquanto L1; ensino de gramática; Historiografia Linguística.

FUTURO SINTÉTICO E PERIFRÁSTICO NO ANTECEDENTE DE CONDICIONAIS

Camila Cristina Silvestre dos Santos

Em um projeto de pesquisa que investiga o contraste entre diferentes formas verbais em estruturas condicionais (sentenças do tipo *se p, q*, em que *p* é o antecedente e *q* é o conseqüente), destacamos, nesta exposição, condicionais com antecedentes no futuro do presente do indicativo (1) e no futuro do subjuntivo (2) em suas formas sintéticas e perifrásticas.

Contexto: uma greve de transportes pode atrapalhar o deslocamento de João.

- (1) a. Se João *chegará* atrasado, ele tem que avisar o chefe.
b. Se João *vai chegar* atrasado, ele tem que avisar o chefe.
- (2) a. Se João *chegar* atrasado, ele tem que avisar o chefe.
b. Se João *for chegar* atrasado, ele tem que avisar o chefe.

Enquanto a forma sintética e a perifrástica em (1) podem se alternar, as formas em (2) apresentam um contraste significativo. Em (2a), o conseqüente sucede o antecedente, ou seja, João deve avisar seu chefe sobre o atraso quando finalmente conseguir chegar ao trabalho. Já em (2b), ao contrário, o conseqüente precede o antecedente, ou seja, João vai avisar sobre o atraso tão logo se confirme que não chegará a tempo, a caminho ou antes mesmo de sair de casa. Explorando dados empíricos, demonstraremos que a distinção entre as formas sintética e perifrástica do futuro do subjuntivo quanto à ordenação temporal entre antecedente e conseqüente está relacionada ao momento de avaliação da condicional, definido como o momento em que a situação hipotética no antecedente pode ser dada como prevista ou decidida (KAUFMANN, 2005). Defendemos que as duas formas gramaticalizam uma distinção entre a) aquilo que estará previsto ou decidido no futuro, com o futuro sintético, e b) aquilo que estará previsto ou decidido em um momento intermediário entre o momento de fala e um momento futuro, com o futuro perifrástico.

Palavras-chave: modo; condicionais; futuro sintético; futuro perifrástico.

PROMOÇÃO DO ARGUMENTO TEMA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Camilla de Rezende

Resultantes de uma alternância verbal em que há a promoção do tema para a posição de sujeito, as sentenças absolutas (e.g. “Esse biscoitinho destrói na mão”) representam uma estrutura intransitiva, gerada a partir de verbos canonicamente transitivos, que não apresenta um agente ou uma causa. Em estudo anterior, Rezende (2016) verificou que, entre diversas estruturas, adultos utilizaram-se de sentenças absolutas em tarefa de produção eliciada em 3,4% das vezes. Dessa vez, avançamos na investigação, buscando responder à seguinte pergunta: quais são as estratégias sintáticas utilizadas pelos falantes de PB para promover o argumento tema em casos em que há a supressão do argumento agente? Nosso objetivo, então, foi verificar a promoção do argumento temático à posição de sujeito. Para isso, produzimos um experimento de produção eliciada aplicado a dois grupos de adultos divididos de acordo com a escolaridade: com ensino superior completo *versus* com ensino médio. Camuflada em uma atividade de memória, a tarefa dos participantes foi responder a uma pergunta sobre uma imagem em que não havia um agente ou uma causa. Os resultados apontaram que os sujeitos com ensino superior fazem uso expressivo da passiva, estrutura que representa 89,2% das respostas. O grupo com ensino médio também produziu muitas passivas, mas em menor frequência (38,4%), fazendo uso de outras estratégias, como sentenças truncadas com gerúndio e sentenças com sujeito nulo indeterminado. As sentenças absolutas, por sua vez, foram utilizadas na mesma baixa frequência por ambos os grupos (por volta de 1,7% dos casos). Nesta apresentação, falaremos sobre o percurso da pesquisa, discutindo as estratégias empregadas pelo grupo com ensino médio e refletindo sobre a passiva como estratégia majoritária empregada pelo grupo com mais escolaridade.

Palavras-chave: sintaxe experimental; promoção do argumento temático; sentenças absolutas; voz passiva.

OS HÍBRIDOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS QUE EMERGEM DO CONTATO ENTRE GALEGO E CASTELHANO

Cecilia Farias de Souza

Mesmo a Galícia sendo um espaço sociocomunicativo com um prolongado contato entre galego e castelhano, o contato entre línguas e seus fenômenos (como influência mútua e hibridização) geralmente são estudados como exceções, e não como o cerne da interação humana. Frequentemente, assume-se um multilinguismo associado à coexistência, no mesmo território, de duas línguas identificadas como entidades separadas – com seus respectivos sistemas de ensino, prescrições gramaticais, etc. –, ignorando-se a criatividade, versatilidade e ausência de fronteiras claras que caracterizam a interação humana. Questionando a concepção das línguas como sistemas autossuficientes e ilhados, bem como conceitos tradicionais de parte da linguística de contato (como empréstimo e *code-switching*), proponho estudar os fenômenos linguísticos no espaço multilíngue que compõe a ecologia linguística galega, pelas perspectivas dos trabalhos de Mufwene (2008), Lüpke (2016, 2017), Viotti (2013), entre outros, que encaram as línguas como sistemas dinâmicos e autoadaptativos, em constante adaptação à situação de fala, considerando que fatos históricos de natureza política e cultural também atuam como pressões ecológicas nas práticas linguísticas. Nesta apresentação, trarei análises fonético-fonológicas das formas híbridas que emergem desse contato, ou seja, as formas que emergem em uma interação que não podem ser consideradas categoricamente galegas ou castelhanas. Considerando que o interesse deste trabalho são as interações face a face, o *corpus* desta pesquisa é composto por entrevistas disponíveis em meios eletrônicos de um programa da Corporación Radio e Televisión de Galicia (CRTVG).

Palavras-chave: galego; multilinguismo; contato linguístico; híbridos.

REVISITANDO A (NÃO)CONCATENATIVIDADE MORFOLÓGICA: UMA ANÁLISE CONCATENATIVA DOS HIPOCORÍSTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

César Elidio Marangoni Junior

De maneira geral, a literatura considera como morfologia não concatenativa aqueles processos morfofonológicos em que a exponência revela um tipo de rompimento da sucessão linear das bases ou de subtração de conteúdo fonológico. Nesse cenário, os processos não concatenativos de formação de palavras, como as fusões vocabulares (gratiliz < gratidão + luz) e as formas truncadas (brincs < brincadeira), são vistos como extragramaticais (cf. MATTIELLO, 2013) ou como epifenômenos resultantes da interação entre diferentes módulos da arquitetura da gramática e da mente do falante (cf. BYE; SVENONIUS, 2012). Nesta apresentação, revisitamos a definição canônica de não concatenatividade e, com base em Kastner e Tucker (2020), defendemos que a não concatenatividade é um epifenômeno da interface entre sintaxe concatenativa e fonologia pós-sintática, capaz de checar restrições de boa formação morfofonológica. Para isso, propomos uma análise específica dos hipocorísticos (Rafa < Rafael(a)) no cerne de um modelo híbrido baseado na derivação sintática das palavras à lá Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993) e nas condições de boa formação morfofonológicas da Teoria da Otimidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993) e da Afixação de Mora Generalizada (TROMMER; ZIMMERMANN, 2014). Especificamente, a partir de um *corpus* de 136 hipocorísticos do português brasileiro, definidos a partir de um conjunto de 100 antropônimos, mostramos que a formação de hipocorísticos na língua é dada pela manutenção de posições foneticamente salientes (sílabas acentuadas) e morfológicamente salientes (início da palavra). Com base nisso, propomos uma análise concatenativa do fenômeno enquanto uma instância de alomorfia contextual: os hipocorísticos são formados por um morfema avaliativo na sintaxe (expressando uma função semântico-pragmática de afetividade) e apresentam uma previsibilidade em termos formais que é dada pela seleção, na Inserção de Vocabulário, de um afixo prosódico de pé ou de sílaba segmentalmente deficiente cujo conteúdo segmental é determinado com base em restrições de ancoragem e de boa formação morfofonológica.

Palavras-chave: morfologia não concatenativa; interface morfologia-fonologia; morfologia avaliativa; hipocorísticos; afixação prosódica.

O PROJETO GRÁFICO DO QUADRINHO EXPERIMENTAL: APROXIMAÇÕES SEMIÓTICAS

Clarissa Ferreira Monteiro

A presente comunicação compartilha reflexões e avanços da tese de doutorado em fase de conclusão. Partindo da hipótese de que o experimentalismo nos quadrinhos – contemporâneos, independentes e autorais – está ligado às suas práticas editoriais, levantam-se questões como: (1) a definição do sincretismo nos quadrinhos, observando que as obras do *corpus* articulam o sincretismo tanto no nível textual (na combinação dos elementos verbais e plásticos), quanto no nível objetal (considerando o texto e seu suporte de inscrição); (2) definir, a partir de uma visada semiótica, o experimentalismo nos quadrinhos, por meio da reflexão sobre as práticas cristalizadas nos quadrinhos tidos como convencionais ou *mainstream*, dentro de sua linguagem e de seus projetos editoriais e mercadológicos, para então considerar possíveis rupturas e inovações; (3) compreender tanto os processos de inovação e ruptura da linguagem, quanto a ênfase na corporeidade dos quadrinhos, fazendo emergir novas possibilidades de organização narrativa e de contato sensível-inteligível do enunciatário-leitor, na emergência de novas práticas de leitura. Pela observação da verbovisualidade, do suporte de inscrição e da maneira como ambos afetam a organização diagramática desses textos, é possível perceber como as escolhas fazem parte de uma prática editorial que, por sua vez, afeta a prática de leitura. A perspectiva teórica das análises do *corpus* parte da semiótica desenvolvida por Greimas e seus desdobramentos no campo da semiótica plástica – principalmente em Floch, Dondero, Correa, Bogo, Pietroforte – e naquele das práticas semióticas – Fontanille, Portela, Schwartzmann. Também utilizamos teóricos fora da semiótica para fundamentar conceitos mais específicos nos campos do design e da pesquisa em quadrinhos, destacando: Norman, Barbieri, Peeters, McCloud, Groensteen e Ghosal. A partir das análises, buscou-se aprofundar a compreensão do quadrinho caracterizado como experimental a partir das questões acerca do seu plano de expressão e, principalmente, das suas práticas editoriais e seu projeto gráfico, que trazem à tona novas práticas de leitura.

Palavras-chave: quadrinhos; práticas; experimentalismo; suporte; verbovisualidade.

O “PERFUME DO SENSÍVEL” EM UM VÍDEO PUBLICITÁRIO DA NATURA

Cláudia Marques Fernandes Carlucci

A significação tem uma base perceptiva. A presença sensível, que não apaga o sujeito discursivo, judicativo e ético, emerge no corpo que percebe e do objeto que é percebido. Assim, cabem à intensidade do afeto e à extensidade das coisas do mundo (ZILBERBERG, 2011) liberar o “perfume do sensível” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993) em toda a geração do sentido, nos mecanismos de textualização e nas articulações do plano de expressão. A enunciação espalha marcas tensivas de sua presença, fundamentais para a apreensão da cifra tensiva, que reflete um corpo sensível e embebe de força (ou elã) as relações do sentido. É a cifra tensiva que remete ao modo como o “acento de sentido” recai sobre a temporalidade e a espacialidade daquilo que é percebido. O objetivo de nosso trabalho, portanto, é mostrar como um vídeo publicitário de 2020 da marca Natura (*Força de mãe, força que fica*) é impregnado pelo “perfume do sensível” oriundo da tensividade, depreendendo, para tanto, as condições de configuração discursivo-textual do impacto sensível. Nosso foco será examinar a perspectiva sensível de observação de mundo por parte do sujeito no processo de seu ato de dizer. Diferentemente de objetos estéticos por natureza, como um poema, por exemplo, aqui, no vídeo, a emergência da sensibilidade vincula-se ao caráter venal do anúncio. O *fazer sentir* é aliado da manipulação. Emocionado, o enunciatário (possível cliente) tem mais chances de se lembrar de sua própria mãe e de querer comprar um presente para ela (um presente da marca Natura).

Palavras-chave: tensividade; sensível; estesia; publicidade; maternidade.

ESTUDO SEMIÓTICO DO POPULISMO: OS EFEITOS SENSÍVEIS DA MANIPULAÇÃO

Cleide Lima da Silva

Este trabalho tem por objetivo a análise da manipulação por meio de estratégias sensíveis de populismo praticadas por Jair Bolsonaro durante as eleições de 2018. A manipulação, conceito consolidado pela semiótica narrativa (GREIMAS; COURTÉS, 2016), foi, mais tarde, incorporada por Landowski (2014) em sua teoria sobre interações de risco, que busca o sentido do discurso entre as margens das lógicas de junção e de união. Paralelamente a esse viés teórico, a semiótica tensiva se desenvolveu a partir da observação da correlação entre o inteligível e o sensível (ZILBERBERG, 2011). No encontro dessas teorias, procuramos descrever os efeitos da manipulação do destinador-manipulador Bolsonaro com relação a dois actantes coletivos formados por mulheres: #EleSim e #EleNão, respectivamente, favoráveis e contrários ao discurso do então candidato à presidência. Em estudos recentes, Landowski (2020, 2021) faz críticas ao populismo por utilizar estratégias de manipulação fundadas no sensível. Outros semioticistas têm observado o populismo e buscam identificar as características desse movimento (FECHINE; DEMURU, 2022; KHARBOUCH, 2018; FONTANILLE, 2020). Propomos então analisar o corpo do sujeito manipulado no contexto do populismo. O corpo aqui entendido como aquele que se posiciona no mundo e é afetado por ele (DISCINI, 2015). Nosso *corpus* é composto de reportagens (*Marie Claire*, *HuffPost* e *AzMina*) que buscam compreender o que pensam as mulheres a favor ou contra o discurso de Bolsonaro. A partir desses textos, encontramos sujeitos em estados distintos de arrebatamento com relação ao destinatário-manipulador. Temos dois actantes coletivos (GREIMAS; LANDOWSKI, 1976) unidos pelo contágio. Nos apropriando da distinção de Landowski (2020) sobre as variáveis das relações intersubjetivas na dimensão sensível e os graus de tensividade (ZILBERBERG, 2011) mantidos entre o destinador-manipulador e os destinatários da manipulação, concluímos que o discurso de Bolsonaro submete o sujeito-actante (indivíduo) a maior ou menor controle da subjetividade quando integrante de uma coletividade (povo).

Palavras-chave: manipulação; populismo; sensível; intersubjetividade; subjetividade.

SEMIÓTICA E CARNAVALIZAÇÃO

Daniela dos Santos

Fazendo uma pesquisa interdisciplinar que possa trazer contribuições significativas para a semiótica discursiva e a teoria literária, provando como as ferramentas dadas por Greimas e seus sucessores podem fundamentar conceitos inacabados, vamos expandir os estudos da noção de carnavalização prevista por M. Bakhtin (BAKHTIN, 2008). Para isso, analisaremos a construção de pessoa, espaço e tempo, buscando a construção da cultura popular na obra de Guimarães Rosa, procurando demonstrar que a carnavalização é uma categoria que pode ser analisada nos textos de qualquer época. Estudando a novela *O Recado no Morro*, que abre o segundo volume de *Corpo de Baile* (2016), mostraremos como a isotopia do texto constrói um sistema de imagens grotesco. Bakhtin chamou de *realismo grotesco* uma “concepção estética da vida prática” (BAKHTIN, 2008, p. 17), caracterizada por imagens construídas com contornos imprecisos, com indefinição das formas, que se unem para compor seres e objetos indistintos, algo totalmente diferente do figurativo e do acabamento formal exigidos pelo cânone clássico. Para o russo, o grotesco tem por sustentação o riso e a visão carnavalesca do mundo. Sob essa perspectiva, a novela em pauta é um exemplar privilegiado de realismo grotesco e de literatura carnavalizada. Também buscaremos demonstrar como a construção dos atores é realizada, com um caráter pouco introspectivo das personagens da novela, em que o conflito interior é mínimo, sem profundidade psicológica, tudo ocorre no espaço e no corpo do ator (como em Rabelais e na literatura anterior ao romantismo). Destacaremos a categoria de espaço da novela para a construção da carnavalização: grutas, cavernas e o próprio morro, que desempenham função preponderante. Por um recurso de prosopopeia, o morro ganha vida e desencadeia a ação, sendo-lhe atribuído um novo significado e uma função inusitada e insólita.

Palavras-chave: Semiótica Discursiva; Literatura; Bakhtin; Carnavalização; Guimarães Rosa.

RESTABELECENDO A COMPREENSÃO MÚTUA POR MEIO DA LIBRAS

Delmir Rildo Alves

Toda interação está sujeita a problemas de escuta, fala e/ou compreensão, e para lidar com tais problemas os interagentes fazem uso de estratégias de reparo (SCHEGLOFF et al. 1977). Nesta comunicação, pretendemos apresentar análises das estratégias de reparo que os interagentes surdos sinalizantes utilizam quando ocorrem problemas de sinalização e compreensão (MANRIQUE, 2016) a partir do arcabouço teórico e analítico da Análise de Conversa (AC). Para a análise das interações utilizamos o Corpus de Libras da UFSC de domínio público e o software ELAN para a realização das glosas. Um dos objetivos da pesquisa é identificar, descrever e analisar quais os elementos linguísticos/semióticos que os surdos sinalizantes da libras utilizam para indicar um problema durante a conversa e quais recursos utilizados para a realização das estratégias de reparo. Na comunicação serão apresentados os excertos dos dados em que foi identificado o reparo iniciado pelo outro, a transcrição e a análise, incluído a descrição morfossintática do reparo iniciado pelo outro na Língua Brasileira de Sinais (libras). Como o reparo iniciado pelo outro ainda foi pouco explorado em libras, esta pesquisa torna-se relevante, uma vez que, propomos a sua descrição linguística/semiótica.

Palavras-chave: Compreensão Mútua; Reparo; Surdos; Libras

ANÁLISE DAS CADEIAS ISOTÓPICAS EM PARÁBOLAS ESCRITAS EM LÍNGUA ESPANHOLA

Demócrito de Oliveira Lins

Este trabalho pretende identificar/analisar, sob o viés da semiótica discursiva, os procedimentos linguísticos que contribuem para a construção das isotopias diversas em textos parabólicos escritos em língua espanhola. Em outras palavras, tenciona-se reconhecer/construir o sentido alegórico de textos que manifestam parábolas, ou seja, como a “moral da história” é construída; ademais, objetiva identificar quais são os mecanismos discursivos que influenciam na construção da isotopia conotada, ou melhor, como as cadeias isotópicas contribuem para a identificação/construção da mensagem axiológica em textos parabólicos em língua espanhola. Fundamentados em Greimas e Courtés (2008); Greimas (1973); Bertrand (2003); Fiorin (1996); Barros (1990, 2001), Postal (2007), entre outros, analisamos doze exemplares de parábolas escritos em língua espanhola, retirados das duas partes da obra *La culpa es de la vaca* de Jaime Lopera Gutiérrez e Marta Inés Bernal Trujillo. Inicialmente procedemos à descrição da semiótica denotativa, ou seja, analisamos superficialmente os semas dos sememas dos lexemas que compunham os exemplares textuais, para só então, uma vez registradas as unidades bivalentes, evidenciarmos as eventuais relações entre as isotopias denotadas e conotadas. Como resultados parciais, observamos que, para a construção do sentido conotado dos discursos parabólicos, cabe ao enunciatório, em primeiro lugar, reconhecer o conector de isotopias, e em segundo lugar, identificar-se euforicamente com um dos sujeitos da narração (atores discursivos).

Palavras-chave: cadeias isotópicas; parábolas; língua espanhola.

APROXIMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS: A TEORIA DE AÇÕES CO-OPERATIVAS PARA ANÁLISE DE INTERAÇÕES EM TUKANO

Dora Savoldi da Rocha Azevedo

Este trabalho tem por objetivo evidenciar as aproximações epistemológicas entre a teoria de ações co-operativas (GOODWIN 2018) e a ontologia dos Tukano do Alto Rio Negro, e, nessa linha, mostrar como a visão da linguagem enquanto uma ação co-operativa se apresenta como um modelo adequado para a análise de interações em tukano. Na ontologia tukano, o corporeamento é parte fundamental da interação entre um ser e o mundo – e de um ser com outros seres. Isso fica claro no estudo de Barreto (2013), em que o autor Tukano mostra como as análises ictiológicas nos laboratórios da UFAM diferem da maneira dos Tukano de classificar os peixes. Mais especificamente, a prática científica de produção de conhecimento entre os brancos parece se opor à indígena pelos termos em que se constitui: o conhecimento Tukano se gera de forma integrada à natureza. A classificação de peixes proposta pelos Tukano não se encerra nos peixes em si; na comparação de peixes com os próprios peixes, mas sim na *relação* que tais peixes estabelecem com o mundo ao seu redor, com o meio ambiente e com os humanos. Infere-se que do ponto de vista Tukano, o conhecimento sobre os peixes só se faz através de uma interação corporeada com o mundo, e o mesmo pode ser dito da visão de Goodwin (2018) sobre a linguagem. Enquanto ação co-operativa, a linguagem consiste em operações sistemáticas realizadas a partir de decomposição e reuso transformacional, que leva à construção de elementos novos. Esse processo está inextricavelmente ligado ao contexto em que ocorre, que, por sua vez, é “socialmente constituído, interativamente sustentado e temporalmente circunscrito” (GOODWIN & DURANTI 1992: 6). À luz dessas considerações, proponho que a análise de interações entre os Tukano pode se beneficiar da teoria de ações co-operativas, posto que o entendimento de mundo – e de linguagem – que a fundamenta se aproxima da visão de mundo dos próprios falantes.

Palavras-chave: Tukano; ações co-operativas; linguagem; epistemologia; ontologia

O CONTEXTO EM SEMIÓTICA E O NEGRO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Eduardo Prachedes Queiroz

No presente trabalho, apresentamos o projeto de pesquisa em nível de doutorado que visamos desenvolver ao longo dos próximos anos, bem como as atuais problemáticas e aquilo que foi realizado até o momento. A pesquisa se propõe a tratar de dois tópicos diferentes, mas complementares. O primeiro tem maior inclinação teórica e consiste em verificar diferentes possibilidades de trabalhar semioticamente com o texto em suas relações com o contexto. O segundo visa reconhecer diferentes percursos do Negro na sociedade brasileira com base em distintos textos e tem, portanto, natureza mais analítica. A busca por relacionar textos e contextos se justifica tendo em vista o bom desenvolvimento da segunda parte desta pesquisa, visando contribuir também para outras pesquisas que desejem trabalhar com discursos explicitamente sociais. A legitimidade do empreendimento pelo reconhecimento de diferentes percursos do Negro na sociedade brasileira se encontra sobretudo na necessidade de demonstrar como se constrói de maneira multifacetada a imagem do Negro em tal sociedade, para que se explicitem as nuances e complexidades dessa construção em constante disputa. Para dar conta de nossos objetivos, pretendemos (i) fazer um apanhado teórico de propostas que já tocaram semioticamente nas questões de tratamento do contexto, como a abordagem de Barros em *Teoria do Discurso: fundamentos semióticos* (2002) e aquela de Fontanille a respeito dos níveis de pertinência, tal como se vê em *Semiótica do discurso* (2007), e situar os conceitos de interdiscursividade e intertextualidade, de interesse para reconhecer o diálogo entre textos; (ii) discutir a construção do Negro a partir de algumas ramificações: (a) recolhendo amostras de discursos em que o Negro fala e em que ele é falado, (b) explorando correspondências ou rupturas com estereótipos, e (c) analisando a construção do percurso do Negro enquanto participante do programa ou do contra-programa em diversos papéis actanciais.

Palavras-chave: semiótica; contexto; interdiscurso; negro; raça.

THE CASE WAS NEVER CLOSED: DUAS TEORIAS SOBRE O SURGIMENTO DE LÍNGUAS CRIOULAS

Everton Mitherhofer Bernardes

Esta comunicação tem como objetivo apresentar um projeto de pesquisa, ainda em fase inicial, que tem como objeto a história dos estudos acerca do surgimento e da natureza das línguas crioulas desde a década de 1980. Atualmente, duas principais teorias sobre o fenômeno disputam o terreno da crioulística: a excepcionalista e a uniformitarista. De acordo com a primeira, o processo de crioulização se daria a partir da simplificação e reestruturação da gramática de uma língua, algo que ocorreria especialmente em contextos coloniais. O resultado desse processo seriam elementos linguísticos comuns observáveis em diversas línguas crioulas ao redor do mundo, configurando-as como uma categoria de línguas à parte. Entre os adeptos dessa teoria encontram-se, por exemplo, Bickerton (1981; 1984; 1998) e McWhorter (2001; 2005; 2012). A segunda abordagem compreende que a formação das línguas crioulas não se diferenciaria, do ponto de vista linguístico, daquelas das demais línguas naturais. Desse modo, a categoria “línguas crioulas” teria como base explicações históricas, sociais, econômicas e políticas, mas não linguísticas. Os principais defensores dessa teoria são DeGraff (2001; 2005), Mufwene (2002; 2008; 2014) e Aboh (2009; 2016; 2019). O projeto a ser apresentado tem como objetivo principal a elaboração de uma historiografia linguística que descreva e explique com consistência os processos que levaram ao surgimento e os desdobramentos dessas teorias, incluindo seus embates, assim como os impactos desses estudos em tópicos pertinentes à linguística geral, como a tipologia linguística, a aquisição da linguagem, os universais linguísticos, as línguas gerais, entre outros. Ou seja, pretendemos usar a historiografia para comparar as duas teorias. Para isso, utilizaremos modelos (meta)teóricos advindos de três disciplinas que conversam entre si: a historiografia linguística (ALTMAN, 2021; SWIGGERS, 2010; 2017); a filosofia da ciência (LAKATOS, 1970; LACEY, 2008) e a sociologia da linguística (MURRAY, 1998).

Palavras-chave: historiografia linguística; linguística de contato; crioulística; filosofia da linguística; sociologia da linguística.

MODELOS ESTATÍSTICOS DE REPRESENTAÇÃO DE INTERTEXTUALIDADE

Fábio Rezende de Souza

O conceito de “Intertextualidade” foi desenvolvido por Julia Kristeva, na década de 1960, a partir de sua interpretação das teorias de Mikhail Bakhtin e Ferdinand de Saussure sobre a natureza da linguagem, e é tido como um dos marcos iniciais da vertente pós-estruturalista da teoria literária. Kristeva apresentou a noção de intertextualidade como um instrumento de interpretação de texto, considerando as influências e o diálogo que este texto estabelece com outros, e o paradigma social, cultural e histórico no qual foi construído. Modelos de vetores densos de palavras, popularizados durante a última década, possuem como principal premissa teórica a possibilidade de codificar num espaço multidimensional diversos tipos de relações entre palavras e expressões: por exemplo, sinonímias, relações de gênero, número, proximidade léxica e contextual. Tais representações vetoriais, no entanto, são largamente dependentes do *corpus* de treinamento do qual são derivadas. Neste projeto, busca-se avaliar as possibilidades e limitações do uso de modelos vetoriais densos de representação linguística para identificação e interpretação de relações de intertexto, em suas diversas modalidades - como a referência, a alusão, a paródia e o plágio. Para isso, serão tomados exemplos de obras que apresentem relações intertextuais descritas previamente no campo da crítica literária, e comparadas as representações vetoriais de termos onde esta relação de intertextualidade é verificada, para se debater, subjetivamente, as condições nas quais tais relações possam ou não ser descritas por meios estatísticos. A partir disso, serão discutidas as possibilidades de utilização de tais modelos como ferramenta auxiliar para pesquisa em análise literária, bem como oferecer mecanismos de interpretabilidade das representações de significado obtidas através destes. Tendo em vista tais objetivos, será feita uma opção metodológica por modelos vetoriais que possam ser treinados sob corpora controlado, de tamanho reduzido, e que façam uso de poucos recursos computacionais, em oposição crítica à atual popularização dos LLMs (*Large Language Models*).

Palavras-chave: intertextualidade; linguística computacional; pós-estruturalismo.

A BUSCA PELA RETOMADA DA SANIDADE COMO IDENTIDADE PARA A PLENITUDE DO SUJEITO SEMIÓTICO EM O CONTO DA AIA

Flávia Giaccobo Ribeiro

Este trabalho tem como finalidade principal expor o desenvolvimento da dissertação de mestrado que se trata de uma análise, tendo como base o estudo do percurso gerativo de sentido desenvolvido na Semiótica Francesa Greimasiana, das estratégias utilizadas para a significação e de que formas elas são colocadas em prática no discurso televisivo *The Handmaid's Tale* (Hulu, 2017). Traduzido para o Brasil como O Conto da Aia, o seriado apresenta a história do sistema ditatorial de Gilead, que é regido por um grupo de homens que tomam o estado utilizando livros bíblicos, enquanto o país perde direitos civis. De forma a exibir decisões tomadas durante a construção da escrita, que tem se dado em análises de episódios selecionados do show, essa apresentação detalha análise desenvolvida tendo como suporte teórico a Semiótica Tensiva explanada por Luiz Tatit em Passos da Semiótica Tensiva (2019) sobre o capítulo número 9 da terceira temporada, que tem como nome *Heroic*. A amostra busca abordar a teoria da Semiótica Tensiva tratando sobre a plenitude do sujeito June ao ser punida pelo regime e encarar o isolamento por meses, o que causa um lento processo de esgotamento físico e psicológico capaz de resultar em certa perda de sanidade do sujeito.

Palavras-chave: semiótica francesa; O Conto da Aia; significação.

LÍNGUAS ASSOVIADAS: CARACTERÍSTICAS ACÚSTICAS E SUA RELAÇÃO COM A FALA

Gabriel da Cunha Marques Brasileiro

O foco desta apresentação é descrever brevemente e com exemplos a relação entre línguas assoviadas e línguas faladas em termos acústicos. Além disso, será proposto um design experimental para o projeto de mestrado baseado em comparações entre aspectos acústicos de uma língua assoviada e sua variedade falada, comparando a curva de frequência fundamental do assoviado e as curvas de f_0 , f_1 e f_2 do falado. O objetivo da pesquisa é testar a atual teoria a respeito da natureza das línguas assoviadas. Línguas assoviadas são um fenômeno linguístico estudado por poucos pesquisadores. Por muito tempo elas eram entendidas como *speech surrogates* (sistemas de comunicação por meio de instrumentos musicais, como os tambores falantes usados por povos Yoruba), mas hoje o consenso entre os pesquisadores que se dedicam a seu estudo as entendem, como versões que preservam os sistemas fonológicos de suas contrapartes faladas, e não apenas como sistemas comunicativos alternativos. A onda sonora produzida pelo assovio é, como toda onda complexa, composta por uma frequência fundamental e seus harmônicos (SHADLE, 1983). Em termos articulatórios, há diferentes configurações do trato oral para o assovio, mas isso não significa que seja evidente reproduzir as características acústicas da fala ao assoviar. A variedade assoviada de uma língua emula características acústicas dos sons de sua versão falada, com a seleção de características sendo dependente de critérios tipológicos: línguas tonais preservam seu inventário tonal e uma versão simplificada de seu inventário de consoantes informada pelas modulações de f_0 que caracterizam sua fala, enquanto línguas não-tonais preservam seus inventários de vogais e consoantes em versões simplificadas informadas pelas modulações de f_2 que caracterizam sua fala (MEYER, 2012). O processo de simplificação também está relacionado com características acústicas e articulatórias de ambas variedades falada e assoviada de uma língua, com línguas diferentes agrupando seus sons de maneiras diferentes.

Palavras-chave: fonética; fonologia; assovio; acústica; línguas indígenas.

AMPLIANDO A INVESTIGAÇÃO SOBRE IDEOFONIA NAS LÍNGUAS NATURAIS: O CASO DO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL

Gabriella Souza Oliveira

Esta comunicação tem como propósito fazer uma breve revisão da literatura sobre *ideofones* e aproximar a discussão do fenômeno no português falado no Brasil (PB). Com ênfase no estudo de expressões orais que apresentam semelhanças com componentes ideofônicos, este estudo propõe investigar a emergência de tais expressões durante a interação situada nesta língua. Seguindo a definição proposta por Dingemanse (2019, p.16): “um ideofone canônico é membro de uma classe lexical aberta de palavras marcadas que fazem a depicção de imagens sensoriais” (do original: “*a canonical ideophone is a member of an open lexical class of marked words that depict sensory imagery*”, tradução minha), nas diversas línguas em que ideofones são atestados, podemos coletar exemplos do modo como a iconicidade, a relação estreita entre forma e sentido, atua de modo preponderante no sentido de evocar sensações. Contudo, alguns autores consideram que ideofones não existem no português (cf. ARAÚJO 2020). Mas será esse o caso? Considerando que teorias linguísticas hegemônicas se desenvolveram a partir da análise de textos escritos ou de sentenças isoladas de seu contexto de uso (SLOBIN 2008), ideofones permaneceram por muito às margens (AMEKA 2020) da literatura ocidental, e pode ser que tenham sido obliterados por essa tradição. O que fazemos, por exemplo, quando nos deparamos com expressões faladas do PB que apresentam natureza icônica e expressiva, como onomatopeias, ou outras não tão iconicamente transparentes, como *borogodó*, *chororô* (choro intenso) ou *vuco-vuco* (aglomeração, tumulto)? Uma perspectiva que se foca nas diferentes performances comunicativas poderia revelar mais detalhes sobre o papel da iconicidade oralizada e como essas expressões estão funcionando em seus usos reais. O presente estudo, portanto, pretende analisar a fala em interação em conversas espontâneas situadas de falantes do português brasileiro, observadas em gravações em vídeo e que, posteriormente, serão transcritas no *software* ELAN.

Palavras-chave: iconicidade; ideofones; português brasileiro; multimodalidade.

VERBOS SOB A LUZ DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA: UM NOVO OLHAR PARA O ENSINO DAS FORMAS VERBAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Giulia Yokomizo Girardi

A partir de estudos sobre as formas verbais do português brasileiro (CÂMARA Jr., 1970; BASSANI; LUNGUINHO, 2011; GIRARDI, 2020; SCHER; GIRARDI, 2020), pretende-se desenvolver uma análise detalhada dos paradigmas verbais através da leitura da literatura que versa sobre tal grupo, de modo a resultar numa proposta de investigação dos verbos sob a ótica da Morfologia Distribuída. Com isso, busca-se questionar a classificação estabelecida pela tradição gramatical (cf. CUNHA et. al., 2017), com a finalidade de refletir criticamente sobre o tratamento da morfologia verbal no ensino a partir de trabalhos que relacionam a linguística formal e a educação básica (PILATI, 2017; OLIVEIRA & QUAREZEMIN, 2016, SCHER et. al, 2022). Assim, no seio da Morfologia Distribuída, são propostas possibilidades de análise do objeto escolhido, juntamente com a sugestão de uma nova metodologia de ensino da formação de verbos no sistema verbal, o qual não foi analisado de maneira sistemática e consolidada dentro desse modelo de arquitetura da gramática e que foi alvo de poucos estudos no cerne da Linguística Aplicada até o momento. Para a investigação das questões propostas, a metodologia consiste na análise dos paradigmas verbais por meio dos mecanismos propostos pelo modelo da Morfologia Distribuída, bem como na revisão bibliográfica de referências relevantes, tanto no campo da linguística formal, quanto na área dos estudos da educação, em especial no que concerne a interface entre linguística e ensino na educação básica.

Palavras-chave: paradigmas verbais; educação básica; morfologia distribuída; linguística aplicada.

A ENUNCIÇÃO NO CINEMA E A PROBLEMÁTICA DO *MALE GAZE*

Gizelia Mendes Saliby

Os estudos acerca da enunciação no cinema associados à problemática do *male gaze* (olhar masculino, em tradução livre) tiveram seus primeiros passos com os escritos de Laura Mulvey (1975) sobre o “olhar masculinizado”, aquele em que a mulher é colocada enquanto imagem e o homem como o dono do olhar. Trazendo essa premissa para os estudos semióticos, nossa pesquisa tem como objetivo traçar um paralelo entre as ideias da teoria feminista do cinema com as possibilidades do estudo da enunciação, dos temas e figuras e das categorias plásticas. Sendo o filme um texto sincrético por natureza, nos interessa investigar as possibilidades de produção dos sentidos no plano da expressão e no plano do conteúdo, a fim de verificar como a construção de uma estética cinematográfica que leva em consideração a construção de desejo do gênero masculino submete o gênero feminino a papéis temáticos de submissão, com pouca complexidade e esteticamente sexualizados. Para tal, usaremos como base os trabalhos de Mulvey (1975), Kaplan (1995), Solomon-Godeau (1999), Doane (2016) e Rivière (1999), estudiosas do cinema e José Fiorin (1998), Pessoa de Barros (2011), Teixeira (2004), Floch (1995) e Dondero (2016), da teoria semiótica.

Palavras-Chave: cinema; feminismo; feminino; mulheres; plasticidade.

A SEMIÓTICA MORFODINÂMICA ENCONTRA A ENAÇÃO: TENSÕES COGNITIVAS E LINGUÍSTICAS

Guilherme de Moura Cunha

Este trabalho procura confrontar certos ideais estruturalistas, como o princípio da imanência e o pensamento formal, com destaque ao estruturalismo dinâmico de René Thom e Jean Petitot, com abordagens enativistas. A ideia de enação, impulsionada por Francisco Varela – que defende a concepção de ação guiada perceptivamente e a consequente emergência de padrões sensório-motores –, fornece uma alternativa à postura representacionista de estudos clássicos da cognição e da significação. Concentramo-nos, de um lado, em propor uma revisão teórica e conceitual, dando abertura a definições caras ao enativismo, como a de acoplamento, de modo a revisitar dualismos que persistem na/pela tradição estruturalista. De outro lado, percorremos o programa de pesquisa da morfodinâmica, que confere à matemática estatuto ontológico em teorias da significação interessadas pela relação entre linguagem, cognição, espaço e interação. Trata-se, portanto, de uma continuidade aos trabalhos de Petitot (1999; 2003) sobre uma enação morfodinâmica, privilegiando os desdobramentos recentes do enativismo radical de Hutto e Myin (2013; 2017) e da teoria de corpos linguísticos de Di Paolo, Cuffari e De Jaegher (2018). De modo mais amplo, essa articulação nos permite, ao mesmo tempo, fomentar uma discussão ecológica e neurobiológica dos fenômenos linguísticos e aproximar a semiótica estrutural da semiótica das interações, ancorada nas colocações de Rastier (2019), Violi (1996) e Mondada (2008). Essa revisão teórica procura verificar a existência de lacunas tanto na ausência de uma fundamentação cognitiva na tradição estruturalista bem como na falta de uma recuperação do enativismo nos estudos da linguagem. Neste momento da pesquisa, destacamos que algumas acepções da semiótica morfodinâmica questionam o caráter referencial e inferencial de representações mentais, mas os mantêm como pressuposto de seus modelos teórico-analíticos. Com isso, reiteramos a importância de atualizar esse empreendimento, a partir de distintos campos do conhecimento científico, para propor modelos mais voltados à própria experiência humana.

Palavras-chave: morfodinâmica; enação; semiótica.

ENTRE O GÊNERO E A PRÁXIS: O JOGO DISCURSIVO DOS MEMES DE INTERNET

Gustavo André Táriba Brito

Ao contrário do senso comum, os memes não nasceram na internet. Na realidade, eles datam de uma época pré conexão. Foi o biólogo Richard Dawkins, na sua obra *O Gene Egoísta* (1976), que cunhou o termo para falar de uma unidade de transmissão cultural que se reproduz pela imitação e pela repetição. De acordo com o autor, seriam exemplos de memes: uma canção, slogan, modos de construir arcos e fazer cerâmica. Inaugurava assim a memética, a ciência que estuda os memes e como eles são propagados dentro do meio social (LEAL-TOLEDO, 2017). No entanto, e muito graças à internet e suas plataformas de interação que são as redes de relacionamento social, os memes deixaram de ser apenas “modos de construir arcos” e assumem a forma de imagens, gifs, textos, vídeos que divertem e informam, tornando-se assim bastante populares entre os usuários de aplicativos como *Instagram* e *TikTok*. Tomando para nós a noção de gênero (BAKHTIN, 2011) e de práxis enunciativa (BERTRAND, 2003), este trabalho propõe uma reflexão sobre como a leitura do meme de internet, no nosso caso especificamente de orientação política, faz referência a gêneros textuais já conhecidos, identificados pela relativa estabilização do seus enunciados, porém convoca práticas de uso que são próprias do meio digital. Deste modo, buscamos observar como a modalidade das práticas (FONTANILLE, 2005, 2008, 2013) e o ambiente conectado são determinantes na definição desse novo gênero multifacetado que são os memes de internet.

Palavras-chave: memes de internet; semiótica; política; humor; práxis enunciativa.

PERCEPÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA DE VOZES MASCULINAS E EFEITOS DAS VARIÁVEIS (-s), (CN) E (F₀)

Isabel Pie

O experimento conduzido por Mendes (2018) demonstra que a variável concordância nominal de número (CN) funciona como índice indireto de gênero/sexualidade para quatro vozes masculinas. O estudo de Sene (2022) verifica que as variáveis duração de /-s/ coda (-s) e F₀ média (F₀) também apontam, separadamente, para significados sociais no campo do gênero/sexualidade, além de interagirem entre si quando combinadas, podendo potencializar a percepção de quão gay/efeminado um homem soa. Este trabalho, por sua vez, apresenta os resultados parciais de um experimento *matched-guise* (LAMBERT et al., 1960) que combina duas variantes de cada uma das três variáveis citadas. As variantes da variável (CN) são: concordância padrão (*as casa-s*) e não padrão (*as casa-∅*); as de (-s) são: duração original (46-246 ms) e aumentada (de 65 a 429 ms); e as de (F₀) são: F₀ original e F₀ com aumento de 30 Hz. Busca-se verificar (1) se as variáveis combinadas têm um efeito interativo sobre a percepção de gênero e sexualidade e (2) se esses efeitos se correlacionam às atitudes dos participantes diante da homossexualidade masculina. Obtiveram-se respostas de 204 ouvintes, que foram analisadas utilizando a plataforma R (R Core Team, 2023). Os resultados vão de encontro àqueles obtidos por Mendes (2018) e Sene (2022): a variável (CN) não teve efeito sobre percepções de gênero e sexualidade, enquanto as variáveis (-s) e (F₀) tiveram efeitos para três dos quatro falantes. Ademais, os resultados demonstram a falta de interação estatística entre as três variáveis, bem como a ausência de correlação significativa entre as respostas dadas e as atitudes do ouvinte. São oferecidas possíveis explicações para tais resultados, que se baseiam sobretudo nas diferenças do perfil dos ouvintes em relação aos estudos de Mendes (2018) e Sene (2022).

Palavras-chave: percepção sociolinguística; gênero; sexualidade.

A FLEXÃO DE IMPERFEITO NO MODAL EPISTÊMICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: EXPRESSANDO A PERSPECTIVA PASSADA?

Isabella Flud Pacheco

Há diversas formas de expressar o fenômeno da modalidade em uma língua natural para se referir a situações de possibilidade e necessidade, ocorridas no presente, passado ou futuro. A morfologia dos verbos modais no Português Brasileiro é muito rica por possuir flexão para tempo, aspecto e modo. A modalidade epistêmica é sustentada pelo conhecimento de mundo e o que é considerado verdadeiro, portanto, exprime o significado através de evidências e informações disponíveis no momento de fala. Por exemplo, a sentença “Pode chover hoje” indica que, dado o que o falante tem de evidência disponível no contexto, como o céu cheio de nuvens e de tonalidade acinzentada, existe a possibilidade de chuva no futuro. O auxiliar modal “pode” nos fornece a perspectiva da sentença, que é presente, já que o falante está usando as evidências que ele tem no proferimento, ligado a uma orientação temporal futura. Agora, em casos em que há a presença da morfologia de pretérito imperfeito (-ia), a perspectiva temporal ainda pode ser presente, justamente pelo falante expressar o estado epistêmico no momento de fala. Desta forma, o uso do imperfeito abre um leque de interpretações e, dependendo do contexto, ainda há outras possibilidades de leituras. Ao relacionar o modal epistêmico com a expressão do tempo, isto é, perspectiva temporal e orientação temporal, há teorias controversas. De um lado, há autores (CINQUE, 1999, HACQUARD, 2006, FERREIRA, 2018) que afirmam que a perspectiva passada para o epistêmico não é possível. Por outro lado, há teóricos que acreditam que essa leitura é possível (RULLMANN & MATTHEWSON, 2018, PIRES DE OLIVEIRA, 2019). O objetivo dessa pesquisa é verificar se o modal “pode” e “deve” no pretérito imperfeito podem ou não ter perspectiva de passado. Desta forma, este estudo visa agregar ao entendimento sobre a relação entre tempo e modalidade nas línguas naturais.

Palavras-chave: modalidade; perspectiva temporal; orientação temporal.

O BLOQUEIO DA REGRA DA EPÊNTESE POR ALUNOS BRASILEIROS EM SITUAÇÃO DE IMERSÃO

Ivan Eduardo Tagliaferro

Este estudo investiga a intervenção em contexto naturalístico e de ensino-aprendizagem na aquisição de uma língua estrangeira. Os resultados da intervenção serão medidos por meio da ocorrência de bloqueio da epêntese vocálica inicial (snack como [iznɛki]) e final (meet como [miti]) como reparo silábico por brasileiros aprendendo inglês. Assumindo a estrutura silábica de Selkirk (1982), o português admite, em coda simples, somente consoantes fricativas, líquidas ou nasais (paz, mel, tem) e em coda ramificada, somente o /s/ em segunda posição. O ataque é formado por até duas consoantes desde que a segunda seja uma líquida (planta, trato). A sílaba do inglês aceita até três consoantes em posição de ataque, desde que a primeira seja a fricativa desvozeada /s/, seguida por /p/, /t/ ou /k/ e, na terceira posição, /l/, /r/, /w/ ou /j/. Em coda, até quatro elementos são admitidos. Ao aprender uma língua estrangeira, o aprendiz utiliza estratégias para acomodar o molde silábico desta ao de sua língua nativa. Uma dessas estratégias é a epêntese vocálica caracterizada pela inserção de segmento vocálico para desfazer um agrupamento de consoantes não comuns em sua língua. (SILVA E BARBOZA, 2017). Nosso objetivo é observar (i) se há diferença no uso de epêntese a depender da posição silábica; (ii) a efetividade de imersões de 4 semanas. Apresentaremos os resultados parciais de um experimento com 10 estudantes adultos. Todos foram gravados duas vezes: uma na semana do embarque e outra ao retornarem da imersão. As gravações incluíam conversa espontânea, criação de frases e leitura de palavras isoladas. Todas as palavras escolhidas tinham encontros consonantais não permitidos no português (ou por questões da consoante a ser utilizada, ou por conta do molde silábico do português) facilitando a ocorrência tanto da epêntese inicial (em [sn,st,sp,sm,sl,sk,sh]) quanto final (em [v,f,p,d,k,t,b,g]).

Palavras-chave: epêntese, consciência fonológica, aquisição de L2.

A LITERATURA ENQUANTO MIMESIS: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA E REFLEXIVA DO LIVRO “O CONDE DE MONTE CRISTO”

Jennyffer Stheffanny Pereira da Silva

Tendo em vista o poder de influência que a literatura exerce na sociedade, a partir da sua construção mimética e da produção dos seus efeitos de sentido, nesta pesquisa analisaremos a tradução do clássico livro francês “O Conde de Monte Cristo”, escrito por Alexandre Dumas e publicado entre 1844 e 1846, se assentando nos princípios que orientam a semiótica de linha francesa ou também chamada greimasiana. Dado que esta teoria propicia conceituações imprescindíveis na investigação passional dos textos – sendo este o nosso objetivo principal –, optamos, portanto, a um estudo mais aprofundado no que tange o âmbito literário e as possíveis reflexões que podem ser obtidas nessas histórias tidas como fantasiosas ou ficcionais. Dessa forma, para a nossa análise, investigaremos o desencadeamento no nível narrativo, isto é, a manipulação, a ação e a sanção, assim como o percurso passional da obra, que se constitui principalmente das seguintes paixões: a cólera, o ciúme, a inveja, o medo, a vingança, o ressentimento e a esperança, através dos estudos trazidos por Greimas e Fontanille, e dos princípios tensivos desenvolvidos por Zilberberg. Em seguida, passaremos para o nível discursivo, visando sobretudo, o exame da figurativização, da tematização, das isotopias e da aspectualização. Por fim, fecharemos com o nível fundamental, conforme a proposta organizacional de Barros, analisando as oposições semânticas de vida vs. morte, e liberdade vs. prisão. O estudo se justifica para a obtenção de uma leitura mais reflexiva e sensível a partir da ‘projeção do universo humano’ e da construção da realidade social apresentado pelo contexto literário, através dos afetos, dos “estados de alma” dos sujeitos e das relações polêmico-contratuais que perpassam a obra e o discurso intersubjetivo.

Palavras-chave: literatura; semiótica narrativa e discursiva; paixões; tensividade; percurso gerativo da significação.

O SISTEMA VERBAL DO KIPEÁ

Jéssica Natália Souza Cardoso

Os estudos sobre línguas indígenas brasileiras nordestinas são escassos. Pensando nisto, o presente trabalho visa a ser uma contribuição na área. O Kipeá foi uma língua indígena falada no interior do nordeste brasileiro, mas devido ao contato com o europeu (genocídio, escravidão, doenças, dentre outros fatores) foi exterminada. Pertence ao tronco Macro-Jê, integrante da família Kariri., juntamente com outras três línguas, a saber Dzubukuá, Pedra Branca e Sabujá. Resistiram ao teste do tempo um catecismo e uma gramática, compilados pelo padre Luiz Vicencio Mamiani, em 1698 e 1699 [1877], respectivamente. Com base neste material, e em outros trabalhos, sejam eles de cunho linguístico (ADAM, 1897; ALBUQUERQUE, 2011; AZEVEDO, 1965; RODRIGUES, 1942) ou antropológico (BANDEIRA, 1972; FERRARI, 1957; LOWIE, 1946), propõe-se uma classificação verbal própria das línguas indígenas, pois Mamiani descreveu o Kipeá com base no sistema gramatical greco-latino, e como o Kipeá não é uma língua indo-europeia, por vezes suas observações são obscuras. Para isto, o enfoque das análises está no estruturalismo (SAUSSURE, 2006, 22 ed.; SAPIR, 1973; COSERIU, 1980), em que se comparava as línguas, em busca de oposições. Deste modo, o Kipeá é comparado com sua língua-irmã Dzubukuá, por ter um catecismo de autoria do Frei Bernardo de Nantes. Sabujá e Pedra Branca se descartam por se restringirem apenas a uma lista de palavras cada uma, de natureza insuficiente para a pesquisa aqui proposta. A pesquisa é sincrônica, visto que os registros datam de apenas uma época; e documental, pois o corpus do trabalho são os materiais escritos sobre esta língua. Assim, visa-se uma descrição verbal atualizada, assim como o incentivo de mais pesquisas sobre línguas indígenas, tal como sua preservação.

Palavras-chave: línguas indígenas brasileiras; estruturalismo; descrição; análise.

O CASO DE TOMASELLO: UM EXEMPLO DE COMO FATOS PODEM SER DISTORCIDOS POR TEORIA

Joana Bortolini Franco

Serão apresentados resultados da tese intitulada *Tomasello em busca da singularidade humana: uma crítica naturalista inspirada pela filosofia de Wittgenstein*. A pesquisa empreendeu uma análise da teoria de Tomasello sobre a origem e o desenvolvimento da comunicação humana, levando em conta as mudanças observadas através das publicações de três períodos diferentes de sua produção. A principal referência foi a teoria gestual para a emergência da linguagem (TOMASELLO, 2008), que consolidou a tese da cooperação e consagrou o seu autor como um expoente dos estudos cognitivos voltados para a interação e para o uso. Segundo essa teoria, a linguagem humana emerge a partir da comunicação gestual, tal como os gestos comunicativos usados por crianças menores que três anos e, por hipótese, que constituíram a comunicação dos nossos antepassados *Homo*. Embora a tese cooperativa e a teoria gestual sejam altamente recomendadas para pesquisadores preocupados com os aspectos interacionais da cognição, a presente pesquisa revelou que elas são o resultado de um processo de “racionalização” da teoria, que levaram Tomasello a admitir, na base da linguagem, habilidades, conceitos e normas que ele havia excluído anteriormente. A filosofia de Wittgenstein, além de inspirar um olhar mais sensível a essa tendência de racionalização implícita nos argumentos de Tomasello, ajuda a responder por que isso acontece. Eu sustento que a teoria de Tomasello está orientada por uma necessidade explicativa ilusória, criada por uma imagem idealizada do ser humano e da relação entre a mente e o corpo, em que a mentalidade é concebida como uma dimensão interna e privada da existência humana. A força dessa imagem será demonstrada com a análise de alguns experimentos realizados por Tomasello, em que a observação dos fatos é distorcida pelo vocabulário da teoria, fazendo com que tais experimentos não cumpram o seu objetivo, isto é, provar a existência de um mecanismo cognitivo.

Palavras-chave: Wittgenstein; Tomasello; interdisciplinaridade; motivações cooperativas; teoria gestual.

DAS TÁBUAS AO ECRÃ – DESCRIÇÃO DE NOVAS FERRAMENTAS DA ESCRITA E ANÁLISE TENSIVA DA EVOLUÇÃO DE SEUS SUPORTES HISTÓRICOS

João Furio Novaes

A partir de método e conceitos oriundos da semiótica tensiva, analisamos como transformações que incidem sobre os suportes materiais da escrita impactam ao conteúdo dos textos que se veiculam por meio deles. Nosso objetivo é produzir uma descrição do ecrã, enquanto paradigma mais recente do conjunto de suportes que serão analisados, que demonstre como ele promove o surgimento de não somente novas formas textuais, mas de uma série de novas ferramentas para a escrita – estatuto que, defendemos, deveria ser estendido aos *algoritmos de personalização* utilizados pelo Facebook. Para isso, estruturamos uma análise tensiva da história da escrita focando a progressiva evolução de um recorte de seus suportes históricos (as tábuas, os rolos, o códex e o ecrã), visando descrever um sentido para sua evolução. Dessa forma, buscamos localizar o ecrã em relação aos suportes que o antecederam para que aspectos particulares de sua própria constituição pudessem ser apresentados em comparação a aspectos dos suportes que o precederam. Uma vez estabelecida essa diferenciação que nos permite definir o ecrã a partir de seus traços distintivos, passamos a nossa explicitação das razões pelas quais defendemos que os algoritmos de personalização, ao contrário de como são costumeiramente descritos – como filtros de conteúdo ou mecanismos de seleção de informação – seriam passíveis de ser considerados como uma nova ferramenta da escrita. Buscamos demonstrar isso por meio de uma crítica a forma como as descrições dessas ferramentas digitais foram produzidas, em total inobservância de eventuais contribuições que o campo da semiótica poderia ter oferecido, se consultado. Dessa forma, trabalhamos para contribuir com a criação de uma melhor compreensão do funcionamento dos já supracitados algoritmos e para inscrevê-los historicamente na cadeia de relações explicitadas ao longo de nossa análise sobre a história da escrita.

Palavras-chave: História da Escrita; Suportes da Escrita; Semiótica Tensiva; Algoritmos de Personalização.

ações bucais como práticas na emergência de entendimentos situados em uma conversa sinalizada

João Paulo da Silva

Conversar é uma das atividades mais básicas que realizamos com outras pessoas. Em uma conversa, as pessoas habitam as ações umas das outras, engajando-se nas ações dos outros de modo que o desenvolvimento da conversa parece acontecer sem que as pessoas tenham que se empenhar muito para isso. Da perspectiva do analista, contudo, há uma atividade minuciosa em curso: uma conversa pode se revelar como uma rica organização multidimensional e multimodal de ações que se estabelece não como uma soma de ações individuais, mas como a emergência de um todo bem ordenado cujas partes se coconstituem sinergicamente umas em relações às outras de modo intra- e intercorporeado (GOODWIN, 2018; ver também FROESE, Di PAOLO, 2011). Nesta pesquisa, que tomou como objeto da investigação as ações bucais empregadas por surdos adultos fluentes em libras em uma interação face a face, o entendimento da semiose enquanto um sistema complexo, dinâmico e autoorganizado se mostra elucidativo para descrever o modo como essas ações se arranjam em padrões emergentes ordenados, entendidos nesta pesquisa como práticas corporeadas de elaborar entendimentos situados (STREECK, 2009; ENFIELD, 2013). Dessa perspectiva, os eventos que reconhecemos como enunciados multidimensionais, instigadores do processo semiótico (R) em uma conversa, vão se coconstituindo dinamicamente e temporalmente com objetos de interpretação (O) enquanto fazem coemergir e coorganizar eventos interpretantes (I) que formam as unidades temporais de significação a partir das quais as conversas avançam. O objetivo deste trabalho é apresentar as práticas de uso da boca identificadas em uma conversa sinalizada, descrevendo de que maneira essas práticas participam da emergência da significação no momento a momento da conversa. Os dados, provenientes de uma conversa de vinte minutos entre dois surdos adultos fluentes em libras, foram transcritos no software ELAN, tomando como base o modelo de transcrição proposto por McCleary, Viotti e Leite (2010).

Palavras-chave: ações bucais; semiose; entendimentos situados; libras; conversa sinalizada.

ESTUDO DOS REFLEXOS DE *-AP- E *-AT- PROTO-TUPI NAS LÍNGUAS FILHAS

João Paulo Fernandes Bento da Silva

O propósito desta apresentação é demonstrar como está o contexto de investigação atual dos protomorfemas *-ap- e *-at- (RODRIGUES E CABRAL, 2012) em três perguntas; 1 - O que foi originalmente pensado para *-ap e *-at em Proto-Tupi? 2 - Quais são as principais evidências para se questionar essa reconstrução? 3 - O que podemos supor e afirmar sobre estas reconstruções? O primeiro tópico da apresentação pretende introduzir os primeiros trabalhos sobre as reconstruções *-ap- e *-at-: Estes protomorfemas foram inicialmente imaginados como “*nominalizador de circunstância*” *-ap e “*nominalizador de agente*” *-at, respectivamente, por Rodrigues e Cabral (2012: 533), com nomenclatura inspirada nos estudos de Tupi Antigo de Rodrigues (1953: 143-145). Esta foi adotada como uma tradição por alguns pesquisadores. Entretanto, essa nomenclatura não dá conta das funções de seus reflexos nas várias ocorrências deste morfemas tanto nas línguas Tupi-Rondonienses (BENTO, 2021), como provavelmente das outras línguas Tupi, principalmente fora das famílias Maweti-Guarani. Muitos autores, como Nogueira (2019), Vivanco (2018) e Rocha (2016) assumiram diferentes funções subordinadoras muito distintas da nominalização, como “*infinitivo, Vogal Temática (V.T.), imperativo e negação*”, como funções de reflexos destes protomorfemas. Ademais, existem outras questões fonológicas e morfológicas que não foram totalmente consideradas pela reconstrução. Estes tópicos serão abordados na segunda parte da apresentação. Na terceira parte, discutiremos as implicações que os questionamentos trazem às reconstruções; se todos os reflexos relacionados são de fato cognatos; se é realmente possível reconstruir a função morfossintática de nominalização como única, ou como um desdobramento de um processo histórico; o quanto de confiança podemos ter nessa reconstrução, e como podemos refiná-la, se podemos refiná-la.

Palavras-chaves: Reconstrução morfológica; subordinação; Reconstrução sintática; Relações de cognância; morfossintaxe comparativa;

A ASSIMETRIA ENTRE A PRODUÇÃO E COMPREENSÃO DE ‘OU’ COMO UM PROBLEMA DE OTIMIZAÇÃO BIDIRECIONAL

Jonathan Silva Torres

Na literatura em aquisição da linguagem, observa-se que, para certos fenômenos linguísticos, as crianças têm a compreensão adiantada em relação à produção (SMOLENSKY, 1996). É uma necessidade lógica ter conhecimento sobre um fenômeno para que seja possível produzi-lo, uma vez que seria pouco provável que produzíssemos algo que não compreendemos. A saída costuma ser atribuir à performance (por exemplo, ao desenvolvimento do aparelho fonador) a razão pela qual uma forma não foi produzida adequadamente, mesmo sabendo que a criança que a produziu compreende aquela forma quando proferida por um adulto. Entretanto, para outros fenômenos, observa-se que a produção precede a compreensão. O caso particular que nosso trabalho trata é o das implicaturas escalares disparadas por ‘ou’ que podem receber tanto leituras inclusivas (A, B, A e B) quanto exclusivas (A, B), sendo a última gerada a partir de uma implicatura. Estudos experimentais indicam que crianças de até cinco anos de idade dão interpretações não adultas para o conectivo (*i.e.*, o interpretam inclusivamente quando o esperado era exclusivamente). Para verificar se este comportamento linguístico infantil é espelhado na produção, analisamos dados de produção espontânea de trocas conversacionais entre crianças e adultos. Nosso *corpus* consistiu em 359 sessões gravadas de onze crianças (2;0–8;0) e setenta adultos. Na fala infantil, encontramos 57 ocorrências do conectivo, enquanto na fala adulta encontramos 833. Nossos resultados indicam que, diferentemente do que se observa nos estudos de compreensão, uma criança de 2;10 produziu *ou*-exclusivo, apontando para uma assimetria entre produção e compreensão. A partir da teoria da otimidade bidirecional (BLUTNER, 2000), argumentamos que esta assimetria pode ser explicada sem recorrer a fatores extragramaticais e que processos inferenciais para a compreensão da implicatura escalar não são necessários para sua produção, que depende apenas do ranqueamento de restrições.

Palavras-chave: aquisição de linguagem; produção; assimetria; disjunção; teoria da otimidade bidirecional.

A FALA PARAIBANA EM TEMPO REAL: O EMPREGO VARIÁVEL DO ARTIGO DEFINIDO DIANTE DE POSSESSIVOS E ANTROPÔNIMOS

José Vagner da Silva

Em geral, estudos sociolinguísticos e dialetológicos preocupam-se em definir diferenças diatópicas por meio de características fonéticas, mas variáveis morfossintáticas também caracterizam dialetos no português brasileiro (PB) – independentemente de serem descritas ou não em estudos sociolinguísticos. Uma dessas variáveis é a colocação facultativa de artigo definido, tanto em sintagmas nominais constituídos por possessivo (“O meu/Meu trabalho é sobre isso”) quanto naqueles cujo núcleo é um antropônimo (“A Isabela é uma grande amiga/Isabela é uma grande amiga”). Neste estudo, analisam-se os dados de falantes paraibanos em duas amostras diferentes do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB): uma coletada em 1993 (60 entrevistas) e, outra, em 2018 (36 entrevistas), ambas estratificadas em sexo, faixa etária e anos de escolarização. A presente pesquisa objetiva descrever o funcionamento da variável mencionada na fala pessoense, comparando-se, de um lado, os padrões das amostras de 1993 e 2018 sob a perspectiva da mudança em tempo real e, de outro, com particular interesse em verificar se há mudança linguística em curso na fala de pessoenses mais jovens da amostra mais recente (PAIVA; DUARTE, 2003; LABOV, 2001). Discussões de natureza qualitativa são baseadas em estudos anteriores sobre o tema em outras comunidades de fala, como em São Paulo e Minas Gerais (CALLOU; SILVA, 1997; AMARAL, 2003; GUEDES, 2019). Quantitativamente, as análises são incipientes, mas serão oportunamente desenvolvidas com a plataforma R (R CORE TEAM, 2023). Entretanto, a extração dos dados (em andamento) sugere possível mudança em curso, uma vez que paraibanos da amostra mais recente (2018) parecem empregar artigos mais frequentemente do que os da antiga (1993) – nos contextos aqui destacados. A continuação das análises deverá mostrar que fatores linguísticos e sociais se correlacionam a esse caso de variação e potencial mudança na fala pessoense.

Palavras-chave: artigo definido; antropônimo; mudança linguística em tempo real; possessivo; variação.

O SUJEITO MELANCÓLICO NOS ESCRITOS PESSOAIS DE TORQUATO NETO

Joyce do Nascimento Lopes

Figura fundamental do Tropicalismo, o poeta, compositor e jornalista piauiense Torquato Neto é lembrado constantemente pelo suicídio, cometido um dia depois de seu 28º aniversário, em novembro de 1972. Acometido por severas crises melancólicas-depressivas, os tormentos do jovem Torquato estão relatados em cadernos pessoais. Nosso trabalho visa a analisar diários do poeta a fim de verificar como o enunciador desses textos se constitui um sujeito melancólico. O *corpus* de análise foi composto a partir da coletânea *Torquato Neto: essencial* (2017), detendo-nos na seção intitulada “escrita de si”, que contém os itens “esparços” e “1970: diário da internação”. A análise centra-se na perspectiva dos estudos passionais da Semiótica Francesa, além de empregar a definição freudiana de melancolia. Faremos uso dos seguintes conceitos de Greimas: (a) figuras e temas, para verificar como ocorre a caracterização psicanalítica de um sujeito melancólico, e (b) destinador, sujeito e modalidades, para entender a relação entre as instâncias psíquicas Eu e Super-eu, propostas por Freud. O processo analítico permitiu-nos constatar que a melancolia freudiana está bem caracterizada no discurso do enunciador. Encontramos o principal traço desse estado passional, o desapego pela vida, bem como comprovamos, pelas modalidades do querer e do dever, a relação conflituosa entre as instâncias Eu e Super-eu, determinante na constituição do sujeito melancólico.

Palavras-chave: semiótica; psicanálise; melancolia; modalidades.

O SISTEMA VOCÁLICO INFANTIL: A AQUISIÇÃO DA NASALIZAÇÃO

Júlia Lessa dos Santos

Tratamos da aquisição de processos envolvendo nasais por crianças bilíngues português-alemão, de 1 a 3;5 anos. Serão analisados dois processos: a nasalização de vogais (em que as nasais então são a fonte de um processo) e a assimilação de ponto das nasais (em que as nasais passam a ser alvo do processo). No português brasileiro adulto, a assimilação de ponto é considerada um processo de assimilação regressivo (ca[m]po, ca[n]ta, ca[ŋ]ga); entretanto, não havendo seguimentos depois da consoante nasal, a nasalização ocorre progressivamente, em que a consoante nasal será realizada a partir do ponto de articulação da vogal anterior (lã [lãŋ], sim [sĩŋ]). O PB tem cinco vogais que podem ser nasalizadas regressivamente, e o processo será obrigatório ou opcional a depender se a sílaba for átona ou tônica e se a nasal estiver na mesma sílaba ou na sílaba seguinte. No alemão, por outro lado, só há nasalização de vogais em palavras estrangeiras. Já a assimilação de ponto neste idioma pode ser tanto progressiva (haben - ‘ter’, [ha:bm]), quanto regressiva (danken - ‘obrigado’, [ˈdaŋkn]) alternando de acordo com o ponto de articulação da consoante a qual irá assimilar. Interessa-nos saber o que acontece com as crianças bilíngues, dadas as diferenças das duas línguas. Para que os dois processos possam ocorrer, a criança deve estabelecer a produção das consoantes nasais em posição de coda que, segundo Mezzomo (2004), ocorre por volta de 1;7 – 2;2.

Palavras-chave: aquisição da linguagem; nasalização; vogais; nasais.

SOBRE A ECOLOGIA SEMIÓTICA EM QUE EMERGIRAM AS PINTURAS RUPESTRES NA REGIÃO DA SERRA DA CAPIVARA, PIAUÍ

Julia Scheunemann Whitaker

O projeto de pesquisa aqui apresentado volta-se às pinturas rupestres situadas na região do Parque Nacional Serra da Capivara, no sudeste do Piauí, a fim de investigar as interações semióticas por meio das quais tais pinturas podem ter emergido, ao longo de milhares de anos. Para tanto, será mobilizada a noção de ação co-operativa, tal como proposta por Charles Goodwin (2018), em consonância com os pressupostos teóricos e as discussões realizadas no âmbito da semiótica das interações. O enquadramento teórico da ação co-operativa permite investigar como uma multiplicidade de materiais e de atores distantes uns dos outros no tempo e no espaço participam do mesmo processo da pintura rupestre, tomada enquanto uma ação que é inescapavelmente corporeada, distribuída, dinâmica e complexa. Isso quer dizer que o tratamento da semiose, ou do processo de emergência dos signos adotado por esta abordagem não separa a comunicação em uma realidade externa ou coletiva e outra interna ou privada. Antes, ela assume que todo ato comunicativo se constitui como um evento no mundo comum, trazido à tona por meio das contribuições de múltiplos atores em interação com o ambiente material. É nessa interação contínua dos seres com o mundo que um pensamento, um significado ou uma pintura emergem como uma organização que não pode ser encontrada em suas partes constituintes. Será possível descrever, desse modo, como cada uma das pinturas encontradas nas rochas atualmente é estruturada por uma densa rede de ações co-operativas inter-relacionadas que formam, em uma escala de centenas de séculos, um universo da pintura (MERLEAU-PONTY, 2002). Com isso em vista, a pesquisa se valerá também de trabalho de campo, bem como de um corpo extenso de estudos interdisciplinares, sobretudo arqueológicos, para o levantamento de hipóteses acerca de tal ecologia semiótica.

Palavras-chave: semiose; semiótica das interações; ação co-operativa; pintura rupestre; Serra da Capivara.

A MARGINÁLIA COMO UM MAPA DA INTERAÇÃO ENTRE O LEITOR E O TEXTO

Juliana Ángel-Osorno

O estudo da marginália revela as interações do leitor com o autor, o narrador e as personagens, evidenciando que as interações na leitura atravessam todos os níveis narrativos, ao invés de se ater a apenas um deles. Nesta pesquisa, a marginália se entende como uma série de registros das reações por parte do leitor, que emergem durante a leitura, de maneira que ele possa cumprir seu trabalho de leitura. A leitura está sendo entendida como trabalho no sentido de que, como qualquer outra atividade cotidiana, ela precisa de atenção; o leitor tem que estar engajado no processo da leitura e tem que trabalhar de modo a completar a tarefa com sucesso (GARFINKEL, 1967; LIVINGSTON, 1995). A análise dos dados mostra como as anotações feitas pelos leitores servem como um mapa para eles mesmos e para leitores posteriores (LIBERMAN, 2011; 2013; MCCLEARY; VIOTTI, 2022). Como os esboços nos mapas, o sentido e a relevância das anotações só emergem no processo de leitura, na interação do leitor com elas próprias e com o texto; ao mesmo tempo, o sentido do texto também emerge apenas nessa interação. Anotações, texto, leitor e autor (etc.) co-criam-se nessa interação (GOODWIN, 2018). Nesta ocasião, apresentarei dados da leitora J.V. contidos no *corpus* construído para a pesquisa, que leu e anotou no livro *A Passage to India*, de E.M. Forster. Além disso, trarei dados das anotações autógrafas de Ernesto Sábato no manuscrito de *Sobre Héroes y Tumbas*, material que pesquisei como parte de um projeto de pesquisa de legados na biblioteca do Instituto Iberoamericano de Berlim em março de 2023.

Palavras-chave: semiótica das interações; leitura de ficção; marginália; ação cooperativa; emergência.

OS CLASSIFICADORES NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

Juliane Farah Arnone

As línguas de sinais são utilizadas pelas comunidades surdas e operam em uma modalidade distinta das línguas orais. Por serem línguas de produção manual/ corporal e percepção visual, as línguas de sinais utilizam do espaço físico e do próprio corpo para a construção do conteúdo gramatical e esses elementos oferecem informações importantes para a análise linguística. O espaço de sinalização é o espaço físico localizado em frente ao sinalizador e utilizado para a realização de construções gramaticais como ocorre, por exemplo, com a realização de construções usando classificadores (CLs). Geralmente, os CLs são morfemas que denotam uma característica representativa de uma entidade e dividem os referentes em grupos que compartilham determinadas características. O objetivo geral deste trabalho é analisar, sistematizar e categorizar os classificadores da Língua Brasileira de Sinais (Libras), a partir da produção e percepção da sinalização dos mesmos. O procedimento metodológico envolverá o levantamento de dados que será realizado em duas fases: levantamento bibliográfico dos classificadores nas línguas de sinais (estágio atual da pesquisa); e fase experimental, com a coleta de dados em Libras para construção de *corpus* e análise. Nesta fase, serão selecionados 30 sujeitos adultos surdos, usuários da Libras como primeira língua e sem queixas de linguagem. Será elaborado um instrumento para a coleta de dados baseado na literatura sobre classificadores, o qual objetivará a eliciação da produção e percepção de classificadores na Libras em diferentes contextos linguísticos, com diferentes motivações semânticas e em diferentes condições de uso pragmático-discursivas. Para a realização da análise, será utilizado um equipamento de *eye tracking* para descrever e analisar linguisticamente o movimento dos olhos tanto na produção quanto na percepção da sinalização de classificadores. Além disso, será utilizado o software Elan 6.1 (Max Planck Institute for Psycholinguistics), onde será feita a glosa dos sinais e a anotação dos elementos linguísticos.

Palavras-chave: língua de sinais; Libras; classificadores; classificação nominal.

A PERCEPÇÃO E A PRODUÇÃO PROSÓDICA DE ORDENS, PEDIDOS, SÚPLICAS E AMEAÇAS EM DIÁLOGOS REAIS E ENCENADOS

Kamunjin Tanguete

Atos de fala (Austin, 1960; Searle, 1962) são fenômenos importantes para a compreensão de processamentos linguístico-pragmáticos em situações conversacionais, pois são responsáveis pela representação de crenças, desejos, querer, entre outros estados psicológicos (Searle, 1983). A prosódia é bastante relevante nesse processo, pois ela permite que os interactantes diferenciem um pedido de uma ordem, uma afirmação de uma declaração, uma ordem de um chamamento etc. Mas os atos de fala também estão presentes em textos escritos, principalmente os de gênero teatral, que são as enunciações que nos interessam em nossa pesquisa de doutorado. Pretendemos, nessa pesquisa, verificar se atores cênicos percebem, em textos falados e escritos (em diálogos criados de modo verossímil aos diálogos reais), atos do tipo súplica, pedido, ordem e ameaça (Searle, 2002), através de testes de percepção via Escala Likert, em que haverá avaliação da percepção do falante acerca da prosódia destes atos. Intencionamos verificar essa percepção em dois momentos de exercícios cênicos: *antes* e *depois* de uma intervenção didática teórico-prática que chamaremos de Treinamento Metalinguístico-cognitivo-pragmático, na intenção de verificar se há alguma alteração na produção desses atos pelos participantes. Como aporte teórico, usaremos a Teoria dos Atos de Fala (John Searle, 1981, 2002), a Análise da Conversação (Kerbrat-Orecchioni, 2006) e os conceitos de metalinguagem e percepção metalinguística de diversos estudos (Giustina, 2008; Acuña, 2004, Correa Sicuro, 2006). Para a prosódia, usaremos o *Prosodic Phonology* (Nespor e Vogel, 2007) e a tese de Luciani Tenani (2002). A coleta de dados antes e depois da intervenção será realizada com a gravação das produções. Espera-se poder verificar como esses falantes-atores percebem quais elementos prosódicos estão presentes em atos diretivos tanto em diálogos reais quanto nos escritos (Orecchioni, 2006) e como se dá sua produção principalmente nos diálogos escritos, em que não há o recurso prosódico para orientar a percepção do falante.

Palavras-chave: prosódia; atos diretivos; percepção; produção; análise conversacional.

A ANÁLISE COMPARATIVA DE ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS DE LÍNGUAS TUPI

Lara Focesi Wolski

A presente apresentação visa analisar e comparar as orações adverbiais de algumas línguas Tupi a partir da tipologia funcionalista proposta por Cristofaro (2003) e a partir do gerativismo. O trabalho inclui dados das seguintes línguas e famílias: Karitiana (família Arikém); Wayoro, Tupari e Mekéns (família Tupari); Gavião e Suruí (família Mondé); Karo (família Ramarama), Juruna (família Juruna); Sateré-Mawé (família Mawê); Aweti (família Aweti); Munduruku (família Munduruku). Os trabalhos dos autores que descreveram essas línguas foram estudados, além dos artigos de Galúcio et al (2015) e de Storto & Lima (no prelo). De acordo com Galúcio et al (2015, p. 303-317), há as seguintes orações adverbiais nas línguas Tupi: as temporais de concomitância e as de sucessividade, de razão, lugar, propósito de movimento, propósito em geral, condição potencial e condição contrafactual. A partir dessas sentenças complexas e das estratégias de subordinação que cada língua apresenta, podemos observar as características em comum das várias subfamílias. Propomos também uma análise para os exemplos observados das línguas. Para a maioria das construções analisadas, há algum tipo de marcação de dependência, seja por um sufixo, seja por um subordinador livre. Os verbos nas subordinadas das línguas descritas são não-finitos. Em algumas línguas, as orações adverbiais são nominalizações usadas como adjuntos (nomes que modificam), e em outras, são complemento. A partir dessa análise, podemos afirmar que a sintaxe, a morfologia e a semântica contribuem para uma comparação mais detalhada das diferenças e semelhanças entre as línguas.

Palavras-chave: tronco Tupi; comparação sintática; subordinação; adverbiais.

[TESTEI POSITIVO PRA SAUDE DE VOCÊ]: PREDICADO RESULTATIVO OU VERBO LEVE?

Lara Oliveira Vacaro

Formações como (1) *Joana testou negativo/positivo para covid-19* são, por vezes, analisadas como construções resultativas. No entanto, autores como Barbosa (2008) defendem a impossibilidade de estruturas resultativas com predicados complexos existirem no português brasileiro com equivalência sintática e semântica ao inglês. Para o autor, em sentenças como *ela cortou o cabelo curto*, o adjetivo não delimita a atividade e o estado resultante permanece mesmo se o adjetivo for excluído da sentença. Contudo, a leitura semântica certamente será alterada caso *positivo* seja retirado da sentença *testei positivo pra saude de você/para covid-19*. Isso parece indicar que a natureza do verbo *testar* influencia para que essa formação com essa leitura semântica ocorra. Tendo isso em vista, este trabalho se propõe a analisar, à luz da Morfologia Distribuída: i) a relação sintático-semântica entre o verbo *testar* e os modificadores *negativo/positivo*; e ii) a(s) propriedade(s) morfossintática(s) subjacente(s) a esse tipo de construção no português brasileiro. Em relação à natureza do verbo *testar*, este trabalho se apoia nos pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída. O estágio atual em que esta pesquisa se encontra é de analisar se *testar* se comporta como um verbo leve (KAGEYAMA, 2011; SCHER, 2005) em sentenças com essa estrutura. Em relação à leitura semântica, busca-se compreender se o que é semanticamente criado pelo evento *testar* é um resultado, e por qual motivo isso ocorre, já que o mais esperado seria que um *teste* fosse criado. Quanto à estrutura sintática, parece que o sintagma verbal com *testar* limita que a modificação seja feita por adjetivos de um mesmo campo semântico, não admitindo outros. Por fim, nossas investigações têm se voltado para a definição das propriedades da raiz do verbo *testar* no contexto das sentenças em foco neste trabalho, que se relacionam a outras questões sobre a natureza das raízes na Morfologia Distribuída.

Palavras-chave: morfossintaxe; verbo leve; Morfologia Distribuída.

ESTUDO TIPOLOGICO-COMPARATIVO MORFOSSINTÁTICO DE PREDICADOS NÃO VERBAIS EM LÍNGUAS DA FAMÍLIA TUPI

Larissa Da Costa Arrais

A pesquisa busca desenvolver um estudo tipológico-comparativo morfossintático acerca da predicação não verbal nas línguas da família Tupi, considerando que as pesquisas tipológicas ainda precisam ser mais exploradas no trabalho com a análise e descrição de línguas indígenas. O objetivo geral é elaborar uma análise tipológica-comparativa morfossintática de predicados não verbais em línguas da família Tupi e, especificamente, apresentar os tipos de ocorrências de predicados não verbais nessas línguas e suas estruturas morfossintáticas; verificar se há ocorrência de cópulas nessas estruturas e, em caso positivo, especificar, morfossintaticamente, a distribuição desses elementos, analisando, também, se a polaridade das sentenças e as questões de tempo, modo e aspecto interferem na presença ou ausência desses tipos de elementos; averiguar, sintaticamente, se esses predicados não verbais apresentam-se como orações não verbais ou como orações verbais nas línguas Tupi; identificar os padrões morfossintáticos, as particularidades e similaridades morfológicas e sintáticas presentes; e comparar os padrões morfossintáticos desses predicados não verbais nas línguas em questão, estabelecendo analogias também com outras línguas amazônicas. Como pressupostos teóricos, utilizaremos Stassen (1997), Payne (1997), Pustet (2003), Dryer (2007), Dixon (2010), Overall, Vallejos e Gildea (2018). O estudo elaborado é de cunho teórico com um enfoque descritivo e tipológico, mediante uma metodologia descritiva e comparativa, na abordagem da tipologia linguística de Croft (2003) e Velupillai (2012). O *corpus* da pesquisa será constituído por dados extraídos de trabalhos linguísticos descritivos prévios sobre as línguas Tupi, como as pesquisas de Galucio (2001), Seki (2000), Alves (2004), Borges (2006), Praça (2007), Cardoso (2008), Aragon (2008, 2014), Braga (2005, 2009), Storto (2010), Isidoro, R. Tuparí e I. Tuparí (2018), Nogueira (2014, 2019a, 2019b), Singerman (2018a; 2018b; 2019), Dias (2019), Arrais e Galucio (2020) e Arrais (2021) e além de buscar mais trabalhos realizados por pesquisadores de língua Tupi.

Palavras-chave: Línguas Indígenas; família Tupi; predicados não verbais; tipológico-comparativo; morfossintático.

**“A ORDEM É SAMBA. SOMENTE SAMBA E NADA MAIS”:
APONTAMENTOS INICIAIS PARA UM ESTUDO DA PLASTICIDADE
CARNAVALESCA**

Leandro Lima Ribeiro

Este estudo analisa a construção do processo de significação dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro. Para tanto, selecionamos um *corpus* que reúne fotografias e gravações audiovisuais, disponíveis em sites especializados e em plataformas de *streaming*, de quatro apresentações do grupo especial carioca: Beija-flor de Nilópolis (2018); Estação Primeira de Mangueira (2019); Acadêmicos do Grande Rio (2022); e Unidos do Viradouro (2023). Do ponto de vista teórico-metodológico, ancora-se no escopo da Semiótica greimasiana, sobretudo nos seus desdobramentos no campo dos estudos sincréticos, na esteira de Floch (1985; 1995), Pietroforte (2004; 2007) e Tatit (2004). Ao proceder desse modo, dispomos a enunciar nossa hipótese de que as agremiações de samba reproduzem, em seus desfiles, um campo semântico centrífugo sobre o qual o terreiro é situado como epicentro da construção de uma identidade nacional marcada por pulverizações e profusões de textualidades. Nosso ponto de partida é, portanto, a noção de que o cosmo-semiótico bakongo, enquanto sistema cultural, linguístico e histórico, corporifica-se numa resignificação carnavalesca em que as linguagens se dinamizam – cromática, eidética, topológica, corporal, sonora e musicalmente – a favor da produção de imaginários e da entronização entre vivos e mortos, entre o passado e o presente urgente.

Palavras-chave: samba; Semiótica sincrética; carnaval; linguagens.

O ENSINO DE VERBOS TIPO *GOSTAR* DA LÍNGUA ESPANHOLA: ANÁLISES DE PROPRIEDADES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS

Leiliane de Vasconcelos Silva

Ao comparar a estrutura do gostar do português brasileiro (PB), (1) *ela gosta de maçãs*, e a do gostar da língua espanhola (LE), (2) *le gustan las manzanas*, observamos proximidades de significados e comportamentos sintáticos diferentes. No *gostar* do PB (1), o sujeito (*ela*) é o experienciador da emoção e o objeto (*maçãs*) é o desencadeador do sentimento. No *gostar* do espanhol (2), o sujeito é o estímulo do sentimento (*maçãs*) e o experienciador é o objeto indireto (*le*). Verbos como *doer* (*doler*), *desejar* (*apetecer*), *agradar*, etc. seguem a mesma configuração estrutural do *gostar* da LE. Este trabalho se justifica pela dificuldade de aprendizes brasileiros ao empregar os verbos tipo *gostar* do espanhol que eventualmente conjugam o verbo de acordo com o experienciador (**le gusta las manzanas*). Um dos objetivos dessa investigação é analisar as características semânticas das orações que contenham verbos tipo *gostar* do espanhol e explicar por que verbos com significados parecidos apresentam configurações sintáticas distintas. Como metodologia, utilizamos o princípio da seleção argumental fundamentado nas propriedades semânticas (desencadeador, afetado e estativo) de Cançado e Amaral (2016). Também empregamos como dispositivo de análise as noções de aspecto lexical com base nas classes aspectuais de Vendler (1967): estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*. Esperamos que as análises sintáticas e semânticas desses verbos possam orientar futuramente para elaboração de uma sequência didática sobre os verbos tipo *gostar* da língua espanhola para estudantes brasileiros.

Palavras-chave: verbos tipo *gostar*; seleção argumental; aspecto lexical; ensino.

CONTROLE SOCIAL E TÉCNICAS DISCURSIVAS: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

Leonardo Reitano

Esta pesquisa apresenta as primeiras elaborações dentro da pesquisa de doutorado em desenvolvimento. A partir de uma bibliografia dentro das ciências sociais, a respeito de estratégias de controle social – mobilizando autores como Michel Foucault, Erving Goffman, Byung-Chul Han, Amanda Montell, Andrew Abbott e Umberto Eco – pretende-se listar e comparar as características que cada autor atribui às técnicas de controle social. Posteriormente, vai-se buscar olhar para tais técnicas a partir de sua ação no campo da linguagem e do discurso, tentando estabelecer assim quais são algumas das formas semióticas e linguísticas do poder como ferramenta de controle social. Para tanto, esta proposta mobilizará noções que abordam a construção semiótico-linguística de valores sociais – a noção de produtor do discurso (Diana Pessoa de Barros), a noção de ideologia na linguagem (José Fiorin) a noção de semiocepção (Waldir Bevidas), os tecnoletos (Fernanda Galli), os virtuemmas (Bernard Pottier) e os corredores isotópicos (Izidoro Blikstein) – para assim observar como tais características são utilizadas dentro de instituições ou regimes de controle social para a criação de um “léxico autoritário” – carregado de virtuemmas e tecnoletos – que subjuga tentativas de diálogo. Como parte de uma proposta mais ampla, espera-se demonstrar que, para a eficaz utilização, as instâncias de poder necessitam que a semiótica de seus discursos possua características específicas, não apenas no referente aos temas e figuras do discurso, mas principalmente na forma como este discurso emoldura o mundo – como um léxico rico em virtuemmas e tecnoletos e uma dêixis panóptica e carismática – e que as redes sociais da internet potencializam de maneira inevitável tais características, empurrando qualquer discurso em uma direção potencialmente totalitária.

Palavras-chave: semiótica discursiva; controle social; Foucault; Goffman; Han.

VOCALISES NA CANÇÃO POPULAR BRASILEIRA: ASPECTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE PRELIMINAR DE TIPOS SILÁBICOS

Leticia De Paula Veloso Silva Vieira

O objetivo da pesquisa é desvendar o que caracteriza a sonoridade típica dos vocalises na canção brasileira (NESTROVSKI, 2013; MARANA, 2017; DA SILVA, 2020), com a hipótese de que cantores, mesmo improvisando, realizam vocalises cujas sílabas seguem os padrões fônicos do português brasileiro (PB). Tendo isso em vista, dois aspectos relacionados à sonoridade das línguas serão abordados: fonotaxe e padrão formântico. Neste trabalho é apresentada parte do projeto de mestrado dedicada a expor aspectos metodológicos, além de uma análise preliminar de tipos silábicos. A fim de obter a melhor coleta de dados possível para a investigação experimental a ser realizada, apresenta-se dois aspectos metodológicos, a saber, a elaboração (1) das instruções aos sujeitos e (2) das tarefas de gravação de vocalises e frases faladas. As instruções decorrem da natureza das gravações, que demandarão dos sujeitos tarefas específicas para coleta dos dados necessários. As tarefas que envolvem o canto consistem na execução de vocalises, nomeadas como: (i) vocalise improvisado a partir de uma melodia dada e (ii) vocalise reproduzido a partir de um vocalise conhecido. A tarefa de fala consiste na gravação de frases-veículo com logotomas contendo as sete vogais orais do PB em posição tônica. Essas gravações fornecerão dados para as análises de estrutura fonotática e de padrão formântico das vogais. No que diz respeito aos tipos silábicos presentes nos vocalises brasileiros, apresenta-se uma análise preliminar dos vocalises em quatro canções do cancionário (*Mas, que nada, Sítio do Picapau Amarelo, Encontros e Despedidas e Fato Consumado*), levantando tipos silábicos e verificando se sua fonotaxe corresponde à do PB. A proposta do presente trabalho é, portanto, explicitar e discutir tanto os aspectos fundamentais da metodologia da pesquisa como a interação entre o estudo fonológico de descrição com a hipótese de que as sílabas nos vocalises seguem os padrões fônicos do PB.

Palavras-chave: vocalise; sílaba; fonotaxe; português brasileiro.

O SINTAGMA NOMINAL COMPOSTO POR MODIFICADORES ADJETIVAIS NA LÍNGUA INGLESA: UMA ESTRATÉGIA DE ENSINO

Lisiane Ribeiro Caminha Vilanova

Esta pesquisa desenvolve-se na linha dos Processos de Aquisição e Aprendizagem de Línguas. Apresenta como tema a construção do sintagma nominal na língua inglesa quando contém modificadores adjetivais. Investigamos a construção desse tipo de sintagma nominal e buscamos refletir sobre estratégias de ensino dos modificadores adjetivais. Defendemos as hipóteses: os alunos de graduação em Letras/Inglês não sabem empregar adequadamente os modificadores porque desconhecem a norma gramatical do inglês, e/ou não conseguem abstrair a intuição da língua materna. Apresentamos os objetivos: (1) caracterizar as práticas de ensino dos modificadores adjetivais; (2) analisar como o material didático adotado no ensino de língua inglesa no ensino superior descreve a norma gramatical do inglês em relação ao emprego dos adjetivos; (3) descrever o funcionamento do adjetivo segundo a semântica formal; (4) descrever o funcionamento do adjetivo no português brasileiro para verificar se as intuições da língua materna influenciam a construção de sintagmas nominais; (5) desenvolver uma proposta didática que proporcione uma análise linguística dos modificadores adjetivais em inglês. Caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, documental e qualitativa a partir da análise de gramáticas e livros didáticos utilizados no ensino de Língua Inglesa. Compõem o referencial teórico: a teoria dos adjetivos predicadores e argumentais desenvolvida por Müller (2003), a análise da modificação adjetival delineada por Gomes e Mendes (2018) e a teoria dos adjetivos relativos e absolutos proposta por Cruse (2006). Entre os resultados alcançados, destacamos a ausência de análise linguística nos materiais didáticos e constatamos que o tipo semântico do modificador pode orientar a construção do sintagma nominal. Assim, propomos integrar os conhecimentos da semântica formal ao ensino dos modificadores adjetivais na língua inglesa.

Palavras-chave: semântica formal; adjetivos; sintagmas; língua inglesa; ensino.

“COMO SE CANTA EM UMA LÍNGUA TONAL?”: ESTUDOS PRELIMINARES

Lívia Gouvêa de Carvalho Moura

O objetivo deste trabalho é apresentar aspectos iniciais de uma pesquisa de mestrado cujo objeto é o canto com texto em línguas tonais. Sabe-se que, em uma língua tonal, há variações específicas de *pitch* (frequência fundamental, ou f_0) usadas para contrastar significados entre palavras. Quando se trata da fala cantada, ou seja, do canto contendo palavras de uma língua tonal, como se realiza este contraste? Diante de tal questionamento, propomos a questão: como se negocia a produção do tom linguístico com a melodia da música? Essa questão é abordada tanto sob o ponto de vista musical quanto linguístico, tomando como objeto o canto erudito e popular em cantonês (YUNG, 1983; WONG; DIEHL, 1999; HO, 2006), em mandarim (LEE; LEE, 2009), músicas *pop* tailandesas (KETKAEW; PITTAYAPORN, 2014) e em diversas outras línguas tonais, cujos estudos são abordados nesta apresentação numa análise bibliográfica. Nesses estudos, verifica-se que, geralmente, o canto com texto em uma língua tonal pode se dar de uma das seguintes maneiras: i) ignorando os tons lexicais e usando apenas o *pitch* musical; ii) preservando as variações linguísticas de *pitch*, conformando-as à música; iii) preservando parcialmente os contrastes de *pitch* de tons lexicais, sem restringir totalmente a melodia musical (WONG; DIEHL, 2002). A partir desse conhecimento já existente para as línguas asiáticas, pretende-se verificar como se dá a produção de tom na canção em quimbundo, língua tonal falada em Angola. Dado o estágio inicial desta pesquisa, apresenta-se o estudo a ser desenvolvido seguindo as seguintes etapas: 1. Seleção da canção a servir de base para o experimento, priorizando músicas folclóricas. 2. Elaboração do design experimental para coleta e análise dos dados de fala e canto, considerando realizar medidas de f_0 para responder à pergunta central.

Palavras-chave: fonética; língua tonal; quimbundo; canto.

A INTERPRETAÇÃO INFANTIL DOS ASPECTOS PERFECTIVO E IMPERFECTIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA OS ESTUDOS TRANSLINGUÍSTICOS

Luciana Aparecida Paraguassú Amaral

Esta pesquisa enfoca a interpretação dos aspectos perfectivo e imperfectivo por crianças em processo de aquisição do português brasileiro (PB) como primeira língua. O aspecto perfectivo denota uma situação observada em sua totalidade – está incluída em um referente temporal (‘Maria estudou ontem’). Já o aspecto imperfectivo denota uma situação em andamento em relação a um referente temporal – inclui o referente temporal (‘Maria estava estudando quando eu cheguei’). Objetivamos determinar como se dá a aquisição da distinção perfectivo-imperfectivo no PB a fim de contribuir com os estudos translinguísticos que investigam padrões universais em aquisição de aspecto gramatical (van Hout *et al.*, em preparação). Pesquisas analisando a interpretação infantil de aspecto em outras línguas (holandês, polonês, russo, inglês, espanhol etc.) averiguaram que as crianças não interpretam sentenças com aspecto imperfectivo em combinação com predicados télicos como os adultos (VAN HOUT, 2005, 2007; KAZANINA e PHILIPS, 2007; WAGNER, 2002). Predicados télicos denotam eventualidades detentoras de um ponto final identificável. O aspecto imperfectivo, porém, carece de um acarretamento de completude, gerando o chamado Paradoxo do Imperfectivo quando combinado com predicados télicos (‘Maria estava lendo um poema, mas não terminou’), obstaculizando o processo de aquisição. Tais pesquisas adotam diferentes justificativas para os seus resultados – dificuldades em nível semântico, discursivo ou extralinguístico –, atreladas a tratamentos semânticos distintos (SWART, 1998; KLEIN, 1994; DOWTY, 1979). Desse modo, investigaremos qual dessas abordagens corrobora os resultados do nosso experimento. Para tanto, adotaremos como metodologia a coleta de dados experimentais a partir da aplicação de uma tarefa de produção de escolha de figuras, tal como García-del-Real (2015) e seu estudo com o espanhol. Os participantes terão que ligar sentenças, pronunciadas por um fantoche, contendo um predicado télico marcado ora com aspecto perfectivo, ora com aspecto imperfectivo a figuras mostrando três estágios possíveis: situações ‘completas’, ‘incompletas’ ou ‘em andamento’.

Palavras-chave: aspecto gramatical; semântica; aquisição de linguagem; estudos translinguísticos.

RESTRIÇÕES SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS SOBRE O USO DO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO PORTUGUÊS

Marcio Azevedo Vianna Filho

O pretérito perfeito composto (p.p.c.) é empregado na descrição de uma situação de mundo em que ocorre certo tipo específico de repetitividade. O seu emprego só é pragmaticamente adequado se algumas condições forem satisfeitas, dentre as quais se destacam: (a) a inespecificabilidade do número das reiteraões (ILARI, 2001; SCHMITT, 2001; BERTINETTO e LENCI, 2010; entre outros); (b) repetibilidade no momento presente (PORTNER, 2011 para o *present perfect*; VIANNA F^o, 2016 para o p.p.c.); (c) não gnomicidade (BONEH e DORON, 2016 para tempos verbais do hebraico e do inglês; VIANNA F^o, 2016 para o p.p.c.). Os exemplos abaixo ilustram respectivamente cada uma destas três restrições:

- (a) A Helena tem ido a São Paulo (*três vezes).
- (b) [A exposição foi encerrada ontem]
#Os críticos têm vindo?
- (c) — O João tem fumado ultimamente.
— Ele fuma? Não sabia.
— Não sei se fuma, mas que tem fumado, isso tem.

Em (a), observa-se que o p.p.c. é incompatível com a determinação do número de iterações ("três vezes"). Em (b), é violada a restrição de repetibilidade presente (neste caso, a possibilidade presente da vinda de críticos), já que a exposição está fechada no presente. O fato de ser uma interrogação deixa patente que não se trata da mera falsidade da sentença-exemplo. O exemplo (c) contrasta o presente do indicativo (p.i.) com o p.p.c. A repetitividade indicada pelo p.i. é caracterizadora de João (isto é, "gnômica"), significando que ele é fumante. O p.p.c., em contraste, limita-se estritamente a informar a ocorrência seriada de João-fumar, deixando em aberto serem ou não estas repetições a manifestação de uma característica individual de João. O uso do p.p.c. com predicados inambiguamente gnômicos, tais como, a predicação a nível de indivíduo, é agramatical: **O cão tem tido 4 patas*. Estas três restrições são essenciais à caracterização semântico-pragmática do p.p.c. português.

Palavras-chave: pretérito perfeito composto; português; semântica; iteratividade; repetitividade.

AQUISIÇÃO DE VOGAIS ÁTONAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Mariana de Freitas Martins

Nosso objetivo é investigar a aquisição das vogais átonas no Português Brasileiro (doravante PB) nos dialetos de São Paulo. Utilizaremos como base a Hierarquia Contrastiva de Traços (DRESHER, 2019), Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986) e a Fonologia Lexical (LEE, 1992). O PB tem um sistema vocálico com sete vogais subjacentes: /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ em sílabas tônicas. Porém, nas vogais pretônicas temos cinco vogais, nas postônicas não-finais temos quatro vogais e nas postônicas finais apenas três vogais. Isso é resultado de processos fonológicos que reduzem o sistema vocálico nas posições átonas, como o alçamento final (em leit[i] ou cop[u]) e a harmonia vocálica (em m[i]nino ou b[u]nita). Analisaremos tanto as vogais pretônicas quanto as postônicas, além de observarmos como os diferentes processos fonológicos que afetam as vogais átonas interferem em sua aquisição, investigaremos as interações entre a morfologia e a aquisição destas vogais, especificamente a categoria lexical (verbos vs nomes) e o posicionamento da vogal (radical ou afixo). A pergunta norteadora desta pesquisa é: há diferença na aquisição das vogais átonas a depender de sua posição não só dentro da palavra fonológica, mas também dentro da estrutura morfológica do PB? Partiremos das seguintes hipóteses: i) as crianças cometem erros enquanto estão adquirindo as vogais átonas, já que os processos fonológicos que as afetam as tornam mais instáveis do que as vogais tônicas; ii) os processos fonológicos que afetam as vogais átonas têm domínios prosódicos de aplicação diferentes e isso irá afetar a aquisição destes processos; iii) as categorias e processos morfológicos das palavras alvo afetam a produção das vogais átonas. Para atingir os objetivos, utilizaremos uma metodologia naturalística. Serão analisadas 225 sessões de gravação de três crianças, iniciando-se aos dois anos até os quatro anos completos. Já iniciamos a transcrição das sessões de gravação.

Palavras-chave: Aquisição fonológica; vogais átonas; alçamento vocálico; harmonia vocálica.

A REGULAÇÃO SOCIAL COMO OBJETO SEMIÓTICO

Milton Souza Guiguer

As comunidades humanas passam por períodos de intensa solidariedade, com objetivos comuns, sentimento de pertencimento coletivo, obediência a regras sociais e crença na representação política fundada em uma regularidade coletiva alternada por diversos níveis de fragilização desses indicadores de coesão social, podendo, em situações mais extremas, até mesmo ser desfeita a estrutura social. A pergunta é: como esse emaranhado de relações sociais decorrentes de práticas e discursos se organiza semioticamente para ser reconhecido como o conjunto de regras sociais? Nossa hipótese é que o vetor de valores sociais aceitos ou rejeitados se forma a partir de uma rede de interdiscursividades que, para conseguir produzir um efeito de ordem jurídica, em seu sentido *lato*, deve se estabilizar em regime de interações semióticas de programação. No esquema de regimes de interações da sociossemiótica de Landowski, a programação seria aquela com insignificantes atos estésicos e de intencionalidade. Esse lugar monótono não implica em ausência de sentido. Ao contrário, das análises feitas até o momento, considerando a imanência como pressuposto teórico de análise, é o regime de programação que cria o referencial interno que nos permite reconhecer os demais regimes. Para nossa análise, escolhemos diferentes universos de discursos regulatórios como objetos de análise: sentenças de exame de demandas repetitivas, sentenças anteriores à regulamentação precária do UBER, julgamentos de pessoas escravizadas, códigos e estatutos de milícias e facções criminosas etc. Com isso, poderemos dar alguns passos iniciais para explicar semioticamente a regulação social em um nível diferente de análise daquele em que consideramos as regras sociais como dadas.

Palavras-chave: Sociossemiótica; direito; regulação social; regularidades.

O COMPORTAMENTO PRONOMINAL SUJEITO E OBJETO NO PORTUGUÊS GUINEENSE (PG): SERÁ UM INFLUÊNCIA DO GUINEENSE?

Mohamed Malam Dabó

Segundo Vieira (2013), a colocação pronominal é definida como a disposição dos elementos nas orações ou das orações dentro de um período, a qual é regulada por fatores de natureza variada. Assim, com este trabalho, objetiva-se descrever o comportamento da colocação sintática dos pronomes *sujeito* e *objeto* do PG, e evidenciar as influências do guineense na colocação dos pronomes acima citados no PG, a partir das entrevistas com alunos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira de Ceará e da Bahia (UNILAB- BA/CE) e, por fim, fazer uma comparação com os dados dos estudos comparativos dos pronomes sujeito e objeto do PE e PB. A partir do nível sintático, verifica-se designadamente: i) se o uso pronominal do PG tem a influência do guineense; ii) se o comportamento pronominal do PG é mais próximo/parecido ao PE ou PB. Segundo Hagemeyer (2016), O PG é uma variedade africana do português menos desenvolvida e menos conhecida em detrimento às demais variedades do português no continente. Para tanto, faz-se necessário os dados dos estudos comparativos dos pronomes no PE e PB (GALVES, 1983/1988 [2001]; 1998; NUNES, 1993; PAGOTTO, 1993; KATO, 1999); estudos sobre contato linguístico (COUTO, 2003, 2007, 2017, 1996; KIHM, 1994; MUFWENE, 2008; ROUGE, 1986, 1988; SCANTAMBURLO, 1981). Enfim, levanta-se a hipótese da existência da influência do guineense no português falado na Guiné-Bissau, em específico, no comportamento pronominal sujeito e objeto, como também foi evidenciado em estudos do português falado em outros territórios africanos (HAGEMEIJER, 2016; HAGEMEIJER & ALEXANDRE, 2013). Porém, compreende-se a necessidade de estudos sobre diferentes tipos de sequências verbais e que possam afirmar se o comportamento dos pronomes clíticos no português africano tende a ser mais enclítico, mesmo na situação em que se tem os proclisadores.

Palavras-chave: Comportamento Pronominal; Português guineense e guineense; Português Brasileiro; Português Europeu; contato linguístico.

O DITO *CUJO*: COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE RELATIVAS GENITIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Nathalie Torres Vila Nova

As orações relativas genitivas convencionais, como: *o autor cujo livro foi premiado*, são caracterizadas pela presença do relativizador *cujo*, que substitui um sintagma preposicional modificador do nome. Assim, a estrutura contém um NP complexo, ou seja, modificado por um sintagma oracional. Estudos de Kato (1996, 2005) propõem que essas construções não são adquiridas durante o processo de aquisição de linguagem e seu uso decorre do ensino formal, que faz parte do currículo dos Anos Finais do Ensino Fundamental e dos anos de Ensino Médio da escola brasileira. Nesse contexto, apesar dos esforços de materiais didáticos e de professores, a relativa cortadora, como: *o autor que o livro foi premiado* e a resumitiva: *o autor que o livro dele foi premiado* são majoritariamente empregadas pelos estudantes em seus textos, em detrimento da estrutura convencional. O *cujo*, no entanto, aparece frequentemente em contextos em que não apresenta a função possessiva, como: *o autor cujo foi premiado*. Esta pesquisa pretende por meio de experimentos psicolinguísticos e estudos de *corpus*, descrever o processamento linguístico da relativa genitiva padrão em falantes em processo de aquisição de linguagem e em falantes de português como língua materna, ao final da Educação Básica. Aliado a isso, pretende-se investigar os fatores que levam à obsolescência da construção, também documentada em outras línguas. A hipótese do estudo é de que a dificuldade com a relativa genitiva padrão não decorre meramente da organização sintática não canônica e da necessidade de reinterpretação de NP. Propõe-se, em conformidade com Silva (2007), que o fator preponderante para a não aprendizagem da construção seja a escassez de dados no *input*, acompanhada do ensino tardio da estrutura e da pobreza de exposição a dados linguísticos produtivos com *cujo* até mesmo no contexto escolar.

Palavras-chave: relativização; pronome *cujo*; primeira língua; Português Brasileiro.

O USO DE MANUAIS DE INTRODUÇÃO NO ENSINO DE LINGUÍSTICA: NOTAS HISTORIOGRÁFICAS

Pedro Henrique Camargo Freire

Esta comunicação oral reduzida tem por objetivo discutir a função dos manuais de linguística no ensino de linguística no Brasil com o intuito de demonstrar o lugar de relevância desse tipo de material didático na transmissão dos conhecimentos e práticas linguísticas. Para isso, levaremos em consideração os comentários de Kuhn (2013 [1962]) sobre a função do manual no ensino de ciência e os pressupostos do seu uso, bem como, a relação do ponto de vista histórico que é inevitavelmente, transmitido pelo material que se utiliza em sala de aula (ALTMAN, 2021). Dessa forma, pretende-se evidenciar a discussão desses dois autores, a fim de trazer à tona as possíveis consequências e pressupostos do uso desse tipo de material para o ensino superior. Dessa maneira, questionamentos a respeito da natureza epistemológica e social dos manuais serão postas, baseando-se na discussão dos autores citados acima. Assim, discutiremos as propostas em Kuhn (2013 [1962]), das seguintes questões: i) o que representa o aparecimento de manuais em uma determinada área científica? ii) a maneira como esses livros didáticos constroem, muitas vezes, visões equivocadas sobre a história da disciplina que, segundo o autor, “começam truncando a compreensão do cientista a respeito da história de sua própria disciplina”. Além disso, as questões sobre o ensino de linguística postas em *A ciência, a história da ciência e o seu ensino* (ALTMAN, 2021) também serão discutidas, privilegiando os pontos de análise da autora sobre a história que um texto utilizado em sala de aula por um professor sobre o ensino de linguística, sempre apresenta, inevitavelmente, um ponto de vista sobre a história da disciplina.

Palavras-chave: manual; historiografia; linguística.

ANALÓGICO E DIGITAL NA PSICANÁLISE DE LACAN E NA SEMIÓTICA GREIMASIANA

Pedro Leal Fonseca

Segundo famoso axioma lacaniano, o inconsciente está estruturado como uma linguagem. Sobre esta base, o psicanalista francês estabelece uma distinção metodológica central entre três ordens: simbólico, imaginário e real. Na década de 50, seu ensino dedica-se ao que chama de ordem simbólica, encadeamento de “significantes” por meio do qual seria possível a operatória psicanalítica. Minha pesquisa parte da leitura de Lacan pelo teórico alemão das mídias Friedrich Kittler e três autores influenciados por ele (Lydia Liu, John Johnston, Bernard Geoghegan), que dão ênfase ao caráter cibernético da ordem simbólica lacaniana. Para tais autores, se “o inconsciente é o discurso do Outro” (LACAN), o Outro lacaniano deve ser entendido como um circuito digital, binário, que opera como um autômato de estados finitos. Tratar-se-ia, assim, de uma ordem simbólica eminentemente digital (vs. analógica) consistente com a tese de Bernard Geoghegan segundo a qual Lacan adere a uma espécie de “estruturalismo cibernético”, em que se prioriza uma lógica binária (“passa ou não passa”), valores absolutos, em detrimento de uma análise do contínuo ou analógico (e respectivas intensidades). Por outro lado, a escola greimasiana assistiu, ao longo das décadas de 80-90, a um certo desvio de rota rumo ao contínuo: do inteligível ao sensível, em formulação consagrada. A inflexão, que se dá com a publicação de *De l'Imperfection e Semiótica das Paixões*, culmina com a emergência da Semiótica Tensiva, na qual a intensidade ganha centralidade. A Semiótica passaria, assim, a voltar-se para espaços contínuos ou analógicos. Por meio de revisão bibliográfica de obras nos campos da psicanálise, teoria dos meios e semiótica, o trabalho visa a comparar os percursos de Lacan e da Semiótica europeia a partir da perspectiva comum a várias disciplinas contemporâneas que opõe analógico e digital (abordada por autores como Friedrich Kittler e N. Katherine Hayles).

Palavras-chave: Psicanálise; Semiótica; digital; analógico; Cibernética.

O PRIMEIRO PASSO PARA A CLASSIFICAÇÃO AUTOMÁTICA DE PREPOSIÇÕES INGLESAS EM ESPACIAIS E NÃO-ESPACIAIS

Rafael Macário Fernandes

O domínio espacial, nas línguas naturais, é um dos mais importantes para a experiência humana. Em inglês, por exemplo, os falantes contam com uma variedade intrínseca e um ferramental linguístico bem equipado, incluindo preposições como *in*, *on*, *at* e *over*. Na Linguística, o termo Semântica Espacial é comumente utilizado para se referir ao estudo sistematizado das expressões espaciais. Com o aumento exponencial do número de dados textuais na internet, há uma crescente demanda pelo aprimoramento de métodos de aprendizado de máquina capazes de interpretar relações espaciais entre preposições (RADKE et al., 2019). No entanto, como apontado por Herskovits (1986), construir computacionalmente boas representações semânticas do espaço ainda é uma tarefa muito desafiadora devido às peculiaridades do domínio espacial, que incluem ambiguidades devidas à polissemia, metáforas e outras abstrações. Considere os seguintes exemplos: (1) *The man broke into*<ESPACIAL> *the house* e (2) *The man broke into*<NÃO-ESPACIAL> *tears*. Segundo Coventry e Garrod (2004), a preposição *into*, em (1), possui sentido direcional, já no exemplo (2), é considerada um uso metafórico da preposição espacial no domínio das emoções (LAKOFF; JOHNSEN, 2003). Dito isso, neste trabalho, propomos um classificador bayesiano ingênuo para categorizar sentenças em inglês que contenham preposições espaciais. Para treinar e testar nosso modelo incipiente, utilizamos um corpus em construção de exemplos da internet com preposições espaciais e temporais, além de algumas estruturas verbo-frasais que foram classificadas em ESPACIAIS e NÃO-ESPACIAIS. Os resultados foram positivos, com precisão atingindo máxima de 87%, e cobertura e Medida-F de 86%. Contudo, acreditamos que esses números ainda podem ser melhorados com um aumento dos dados e acréscimo do cálculo probabilístico de TF-IDF. Como trabalho futuro, objetivamos testar também outros tipos de modelos de aprendizado de máquina, como as redes neurais, que têm potencial para uma classificação mais refinada.

Palavras-chave: Preposições espaciais e não-espaciais; Classificador Naive Bayes; Processamento de linguagem natural; Inteligência Artificial.

A INTERAÇÃO EM GRUPO/PÁGINA DO FACEBOOK: O OBJETO-SUPORTE COMO ACTANTE DA PRÁTICA

Raimundo Isídio de Sousa

A internet é um corpo-actante que, por meio de uma combinação de linguagens, possibilita a enunciação digital on-line. Como todo discurso em ato, os desvios, as fragmentações, as disputas e as contingências são bases constitutivas do corpo em devir, principalmente quando se trata de prática semiótica cujo sujeito da enunciação se inscreve na (pela) internet. A tese que ora desenvolvemos analisa o corpo enunciativo dos interactantes da prática interacional no Facebook, especialmente dos actantes coletivos - *Grupo onde fingimos idosos e confuso com as tecnologias modernas* e *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia* -, com base no modelo dos níveis de pertinência de análise semiótica empreendidos por Jacques Fontanille (2005; 2008). Para esta comunicação, apresentamos as seguintes questões: Como o objeto-suporte participa da prática de interagir no *grupo* e na *página do grupo* e como o enunciador propõe o contrato veridictório, de modo a convocar o enunciatário a participar do processo de fingir ser idoso confuso com a tecnologia? Em análises preliminares, constatamos que o objeto-suporte, ao favorecer as condições de enunciabilidade, permite a exacerbação do ato de fingir e que o enunciador projeta um contrato, em cujas regras está prevista uma transgressão consentida, fundamentada pelo uso do humor. Os recursos de textualização constantes na primeira rolagem da aba *início* despontam diferentes isotopias, ao cotejarmos a imagem dos idosos nas fotos-capa e o título de identificação do *grupo* e da *página*. Por conseguinte, o objeto-suporte torna-se um espaço tensivo ocupado e transitado por sujeitos em busca da interação, tendo como propósito maior criar simulacros sobre a figura idoso.

Palavras-chave: prática semiótica; interação; grupo/página do Facebook.

GRAUS DE PRESENÇA NA PRÁTICA ETNOGRÁFICA

Renato Albuquerque de Oliveira

Na antropologia, a etnografia é considerada como a principal fonte para a construção do conhecimento. Em síntese, essa prática pode ser descrita como um processo em que um etnógrafo participa da vida de um grupo social em alteridade, para, em seguida, traduzir essa vivência em um texto que descreve condições específicas que produzem alguma relação social observada. Considerando isso, a etnografia pode ser descrita como uma *prática semiótica* (FONTANILLE, 2008), pois possui um encadeamento sintagmático canônico que produz sentidos que variam de acordo com os imponderáveis da vida, operando, assim, sob tensão entre *programação* e *ajustamento*. Embora existam outras fases dentro da prática etnográfica – a formação do etnógrafo e o debate do texto publicado –, a relação entre campo e escrita é acentuada, segundo a teoria da etnografia (STRATHERN, 2017). Estas fases são as principais responsáveis pela construção do conhecimento antropológico e estabelecem entre si um liame inseparável, implicando na retroalimentação desses estágios – o trabalho de campo tem como finalidade a produção da escrita e a escrita tem como finalidade a descrição do trabalho de campo. Essa relação pode ser pensada a partir da variação dos *graus de presença* (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001) que a percepção do etnógrafo sente desses estágios da pesquisa. Essa variação é modulada pelos graus de tonicidade que o campo ou a escrita proporcionam, independentemente da etapa da pesquisa em que o etnógrafo se insere – o que Strathern aponta implica que o etnógrafo sente algum grau de presença do campo e da escrita em simultaneidade, embora haja variação da intensidade nessa presença. Por fim, considerando-se que uma variação rítmica é necessária para a construção do sentido (TATIT, 2020), notamos que os acentos e inacentos, proporcionados pela variação dos graus de presença do campo e da escrita, asseguram essa condição semiótica e contribuem para a criação da significação etnográfica.

Palavras-chave: etnografia; prática semiótica; graus de presença; acento e inaccento; teoria tensiva.

RACIOCÍNIO ESPACIAL QUALITATIVO EM TAREFAS EM RESOLUÇÃO DE CORREFERÊNCIA

Rodrigo Souza

O Raciocínio Qualitativo Espacial (REQ) é um conjunto de métodos formais para representação e inferência ligadas ao conhecimento espaço-temporal humano por meio do uso de categorias qualitativas. Com o REQ, busca-se representar esse tipo de conhecimento de uma maneira mais próxima ao modo como possivelmente humanos descrevem o espaço e o tempo. Neste trabalho, pretendemos investigar como métodos de REQ podem contribuir para a solução de problemas em tarefas de Resolução de Correferência (RC). A RC é uma tarefa do Processamento de Língua Natural (PLN) que apresenta problemas que envolvem identificar menções a entidades em um texto e possíveis relações de correferência entre elas. Um típico problema de RC pode ser observado na seguinte sentença: “*John criticized Bill. He lost the laptop.*”. Para atingir nosso objetivo, inicialmente, entre os métodos de REQ, selecionamos a topologia para discutir sua possível eficácia para modelar o conhecimento espacial em problemas de RC. Em seguida, entre os *corpora* de RC, escolhemos o Desafio de Winograd (LEVESQUE et al., 2012), um *corpus* em inglês que envolve diferentes tipos de raciocínio na resolução de seus problemas. Esse corpus foi manualmente anotado por nós para identificar problemas que envolviam conhecimento espacial explícito. No total, compusemos um *subcorpus* com 60 problemas envolvendo esse tipo de conhecimento. Por fim, procuramos refletir sobre as potenciais aplicações da topologia nos problemas do subcorpus. Após a análise, concluímos, inicialmente, que a topologia provavelmente não será suficiente para resolver os problemas envolvendo espacialidade no subcorpus, uma vez que possibilita representar apenas relações estruturais e estáticas. A topologia, ao que nos parece, não permite representar aspectos dinâmicos de uma descrição espacial, como movimento, tipicamente ligado a um verbo.

Palavras-chave: Raciocínio Espacial Qualitativo; Resolução de Correferência; Topologia; Desafio de Winograd.

O LUGAR DAS LÍNGUAS ESCANDINAVAS NO GRUPO GERMÂNICO: ADELUNG E A CRÍTICA DE RASK

Rogério Ferreira da Nóbrega

O segundo volume do *Mithridates* (1809) de Johann Christoph Adelung (1732-1806) explora dez troncos etnolinguísticos. Adelung classifica as línguas do grupo germânico em duas partes, uma da língua baixa e outra da língua mais alta. A este grupo pertence o sul da Alemanha, e, àquele, o norte da Alemanha, a região dos Países Baixos e toda a Escandinávia. Rasmus Kristian Rask (1787-1832), reage a essa proposta em resenha daquele mesmo ano e acusa seu autor de se deixar mover por um sentimento nacionalista ao conferir às línguas do chamado *Oberdeutsch* (“alemão-superior”) um lugar privilegiado em sua classificação. Rask, então, propõe uma configuração que atribui um lugar específico àquelas que denomina “línguas nórdicas”, que formam uma classe mais homogênea. Ambas as classificações são bipartidas, porém, com uma disposição das línguas significativamente distinta. O objetivo desta apresentação é reconstruir, a partir de uma perspectiva interna, os critérios de agrupamento das línguas escandinavas e, por extensão, das demais línguas germânicas, conduzidos por ambos. Interessam-nos os critérios de classificação internos e externos às línguas, terminologia e fontes utilizados por ambos, analisadas da perspectiva de suas camadas técnica e documental (SWIGGERS, 2004; 2017), em consonância com os pressupostos da historiografia linguística. Adelung realiza sua classificação a partir de descrições dos povos, seus costumes, lendas e locais de estabelecimento, baseado em informações retiradas e interpretadas de fontes antigas, além de sua própria caracterização das línguas. Rask, por seu turno, questiona a maioria dos critérios adotados por Adelung e o acusa de desprestigiar o islandês e prescindir de diversas fontes de vital importância para qualquer caracterização das línguas escandinavas. Ao fazer uma objeção contundente à caracterização feita por Adelung, à luz de evidências linguísticas, Rask se afasta dos métodos filológicos praticados por seu antecessor e expande consideravelmente as referências documentais sobre os monumentos nórdicos antigos.

Palavras-chave: línguas escandinavas, nórdicas, germânicas, Historiografia Linguística

O USO DE SUJEITO NULO E SUJEITO EXPRESSO EM INGLÊS POR FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU

Rosiani Bueno de Oliveira Dias

Este projeto de pesquisa tem por objetivo mapear os desvios morfossintáticos no uso do sujeito nulo (SN) provenientes da influência da primeira língua (L1) produzidos por falantes nativos de português brasileiro (PB) e português europeu (PE) que estejam aprendendo a língua inglesa como língua adicional (L2). Seguindo a distinção apresentada em Kato, Martins e Nunes (2023), consideraremos três classes de SNs: expletivos (SNEs); indefinidos (SNIs); e definidos (SNDs), este último dividido em quatro subgrupos: SND tipo-I, cuja denotação é determinada pela morfologia verbal correspondente; SND tipo-II, cuja denotação é determinada pelo contexto do enunciado; SND tipo-III, cuja denotação é determinada por outro elemento da sentença; e SND tipo-IV cuja denotação é determinada por outro elemento no discurso. Segundo os autores supracitados, diferente do PE que permite quase todos os tipos de SNs, o PB sofreu um processo de subespecificação de seus pronomes e passou a permitir apenas SNs expletivos, SNs indefinidos e SNs definidos do tipo-II e tipo-III; já os SNs definidos do tipo-I são possíveis em PB, mas com restrições a quais pronomes são permitidos; enquanto os SNs definidos do tipo-IV não são mais possíveis em PB. Nenhum desses tipos de SNs, salvo em alguns casos de linguagem informal, são possíveis em inglês. Nossa hipótese inicial é que aprendizes de inglês como L2 que sejam falantes nativos de PE apresentarão mais desvios no uso de SNs em relação aos aprendizes nativos em PB, sobretudo nos contextos em que estes últimos passaram a favorecer o uso de sujeito expresso. Nossa intenção com essa pesquisa seria, não só corroborar as diferenças do uso do SN em PB e PE propostas por Kato, Martins & Nunes, como também entendermos a influência da L1 na aquisição de uma segunda língua.

Palavras-chave: Sujeito Nulo; Português Brasileiro e Português Europeu; Aquisição de segunda língua.

DAS FIGURAS DE RETÓRICA À PERSUASÃO: PROCEDIMENTO FIGURATIVO NO DISCURSO MORAL *REYNO DA BABILÔNIA*

Shenna Luíssa Motta Rocha

Esta comunicação se propõe a expor os resultados parciais da tese, provisoriamente, intitulada ‘Figurativização e persuasão no discurso moral *Reyno de Babilônia: Uma Análise Semiótica*’, já qualificada e em andamento. A obra objeto de análise intitula-se *Reyno de Babilônia ganhado pelas armas do Emyreio* (1749), de autoria da freira portuguesa Leonarda Gil da Gama. Escrito em prosa, o discurso moral apresenta uma narrativa pluri-isotópica, cujo primeiro tema é o casamento. Subjacente a esse primeiro tema, temos o processo de conversão doutrinária. Nossos objetivos concentram-se em observar e descrever de que modo o texto organiza os seus sentidos, configurando-se peça fundamental para o processo de catequização. Como método de análise, utilizamos a Semiótica francesa, que nos dá, por meio do percurso gerativo, o ferramental necessário para compreender os níveis de construção do sentido do texto, que vai do fundamental, passando pelo narrativo, culminando com o discursivo. Observando este último nível, verificamos que a figurativização se destaca dentre os procedimentos utilizados para cumprir a finalidade catequética, tendo em vista o caráter persuasivo assumido pela profusão das figuras de retórica dispostas ao longo da narrativa. A sensorialidade, produto dessa organização discursiva, apresenta-se em suas mais diversas ordens: do tátil, da sonoridade, do visual e do paladar. A análise, portanto, concentra-se em detalhar a forma como esse procedimento discursivo é fundamental para veicular a ideologia católica, na medida em que se vale da concretização de valores para tornar crível, palpável, sensível, os conceitos de perdição e de salvação, operando assim a conversão do sujeito. A fundamentação teórica que embasa a presente leitura constitui-se de Barros (2004, 2011), Bertrand (2003, 2004), Fiorin (2016, 2019) e Greimas (1983, 1990).

Palavras-chave: Nível discursivo; Figuratividade; Persuasão; Concretização; Sensorialidade.

O POLONÊS COMO LÍNGUA DE HERANÇA EM CONTATO COM O PORTUGUÊS NO MUNICÍPIO DE CRUZ MACHADO/PR

Sonia Eliane Niewiadomski

Essa pesquisa objetiva comparar as vogais nasais na língua polonesa falada na Polônia e no polonês como língua de herança falado no município de Cruz Machado, no interior do Paraná. O estudo busca indicar os contextos de ocorrência dessas vogais; discutir como as vogais nasais se comportam nas diferentes gerações de polonês como Língua de Herança (LH); e verificar se o processo da nasalização é produtivo pelos falantes na língua de herança, fenômeno que ocorre no português brasileiro, mas não no polonês, levando em conta o contato longo entre as duas línguas. LH neste trabalho diz respeito à língua polonesa falada pela segunda, terceira, quarta e quinta geração de brasileiros de ascendência polonesa no município. A língua está presente há mais de um século nessa localidade e os falantes possuem diferentes graus de domínio da LH - o uso acontece no ambiente familiar, e em múltiplas relações interpessoais, ao mesmo tempo, em contato com a língua majoritária, o português. Nesta comunicação, apresentaremos os desafios metodológicos enfrentados durante a coleta de dados. Utilizamos dois protocolos diferentes de coleta de dados, um por estímulo visual (apresentação de imagens onde no contexto houvesse vogais nasais no polonês precedidas, principalmente, de fricativas, africadas e oclusivas, como por exemplo *język* 'língua'), por meio de teste de nomeação de figuras, e outro de fala naturalística motivada com questões de relatos sobre o seu cotidiano, relação com a língua polonesa e tradições dos antepassados. A entrevista, com duração de 20 a 30 minutos, iniciava na língua em que a pessoa recepcionava a pesquisadora, normalmente as pessoas jovens em português e as mais velhas em polonês.

Palavras-chave: Falantes de Língua de Herança; Polonês; Vogais Nasais.

SINTAXE COMPLEXA NA DEMÊNCIA DE ALZHEIMER

Stela Terribile Garbugio

A literatura acerca do Alzheimer é hegemônica ao apontar que um dos principais sintomas dessa demência é o progressivo acometimento da linguagem (Alegria, 2013). Nesta pesquisa, nosso foco recai sobre o acometimento sintático, mais especificamente, sobre a produção de sentenças complexas por idosos portadores dessa demência. Autores como Noguchi (1997), Alegria (2013) e Pinto e Beilke (2008) apontam que o déficit sintático é um dos últimos campos linguísticos a ser afetado na demência, sendo conservado pela maior parte do curso demencial. Bánrénti *et. al* (2016) apontam para a produção de sintaxe atípica nessa doença, com emprego de sentenças sintaticamente mais simples, isto é, com alta incidência de sentenças descritivas ou no infinitivo, uso de recursividade estrutural sintática com conteúdo incorreto ou irrelevante, atribuições de papéis temáticos incorretas e baixo uso de sentenças situacionais e não situacionais. Um descobrimento similar também é encontrado em Emery e Olga (2000), em que os autores descrevem que sentenças simples e automáticas são preservadas por mais tempo na demência, ao passo que sentenças mais complexas são evitadas no discurso desses pacientes. A partir de entrevistas e coleta de dados realizadas no Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo (IPQ - USP) com 10 idosos portadores de DA e 10 idosos controle, miramos analisar a produção de sintaxe nessa população. Almeja-se investigar se, assim como nos estudos mencionados, nos idosos falantes de PB também há uma preferência por sentenças simples em detrimento de complexas, possibilitando, até mesmo, a diferenciação entre idosos saudáveis e com DA.

Palavras-chave: Demência de Alzheimer; sintaxe; sintaxe complexa.

PARECER E SER EM UMA QUESTÃO DE OBJETIVIDADE

Sued Lima

Na Semiótica Discursiva, um contrato de veridicção pode se estabelecer ou não por meio de um fazer persuasivo do destinador e de um fazer interpretativo do destinatário. No esquema narrativo, esse contrato se faz relevante tanto na fase da manipulação, em que o destinador busca levar seu destinatário a crer-ser verdadeiros os valores manifestado no enunciado, quanto na fase da sanção cognitiva, em que o contrato é retomado por um destinador-julgador que interpreta o parecer-verdadeiro da *performance* realizada pelo sujeito (BARROS, 1988). Com base nesse conceito e dando prosseguimento a nossas investigações acerca da seção *Opinião* do jornal homossexual *Lampião da Esquina*, tratamos, neste trabalho, do contrato de veridicção no artigo *Uma Questão de Objetividade*, assinado por Clóvis Marques e publicado na edição de abril-maio de 1978. Para isso, examinamos, em primeiro lugar, como se configura o estabelecimento do contrato neste artigo e, então, descrevemos as estratégias discursivas de que se vale o destinador para a persuasão do destinatário. Os resultados comprovam um complexo esquema em que Clóvis Marques busca levar seu destinatário-leitor a crer que os valores veiculados no seu artigo *parecem* e *são* verdadeiros. Para isso, o articulista, em primeiro lugar, estabelece uma relação intertextual e interdiscursiva com o artigo *Who's afraid of gays?*, publicado por Robert Claiborne no *The New York Times*. Depois, ele sanciona negativamente o discurso do norte-americano para, assim, levar o destinatário-leitor a crer que tanto Claiborne quanto seu discurso *parecem* verdadeiros, mas *não são*, ou seja, que estes veiculam valores mentirosos. O exame da veridicção no artigo *Uma Questão de Objetividade* nos auxilia, pois, numa compreensão mais bem definida das estratégias discursivas de que se vale o jornal *Lampião da Esquina* na busca pelo estabelecimento de uma relação contratual com seus leitores.

Palavras-chave: semiótica discursiva; contrato de veridicção; Lampião da Esquina.

ENSINO SOBRE O PAPEL DE LÍNGUAS AFRICANAS NO PORTUGUÊS EM MATERIAIS DIDÁTICOS DO PNLD 2020

Tâmara Kovacs Rocha

A proposta desta pesquisa é investigar coleções de materiais didáticos de Língua Portuguesa do Plano Nacional do Livro Didático para os Anos Finais do Ensino Fundamental de 2020, a fim de verificar de que forma (e se, de fato, ocorrem) menções ao papel de línguas africanas na formação do português brasileiro. A metodologia consiste na leitura analítica das quatro coleções de livros didáticos mais escolhidos pelo PNLD 2020 para verificar se há presença de hipóteses ou teorias da Linguística de Contato (LC) que abordem o papel da sintaxe de línguas africanas em usos atuais do português. Partindo de bibliografia produzida por três linhas da LC (crioulização [GUY, 1981][HOLM, 1992], derivação imprópria [LUCCHESI, 2012] e ecologia linguística [MUFWENE, 2008]) e por um contraponto, que nega o papel do contato [NARO e SCHERRE, 2007], para verificar se hipóteses levantadas por pesquisadores filiados a elas estão aparecendo explícita ou implicitamente no discurso do livro didático. Uma segunda frente, de caráter analítico, estuda a forma como o conteúdo da LC é tratado (inclusive sua omissão), com base em três conceitos: o livro como resultado de um processo de representação (de Roger Chartier), dispositivo de racialidade (de Sueli Carneiro) e epistemicídio (de Boaventura de Souza Santos). Nesta apresentação, serão expostos os primeiros resultados obtidos a partir da análise da coleção Apoema (Editora do Brasil, 2018) e do cotejo com a apostila de ensino quilombola do Estado de São Paulo, Narrativas quilombolas: dialogar – conhecer – comunicar (SEC, 2017).

Palavras-chave: ensino de português, contato linguístico, decolonialidade, materiais didáticos, línguas africanas.

**FIGURATIVIZAÇÃO E TEMATIZAÇÃO NA MÚSICA *COTA NÃO É ESMOLA*,
DE BIA FERREIRA, E NA HISTÓRIA DO VÍDEO *ESCOLA DE RICO E
ESCOLA DE POBRE*, DE WHINDERSSON NUNES**

Teresinha de Jesus Ferreira

Nessa apresentação, nosso objetivo é analisar as estratégias utilizadas para a construção de sentido empregadas no texto *Cota não é esmola*, música de Bia Ferreira, e a história contada no vídeo *Escola de rico e escola de pobre*, de Whindersson Nunes, coletado do YouTube, e verificar se a figurativização e a tematização levam à discriminação e ao preconceito. Dessa forma, vamos verificar as isotopias figurativas e temáticas na construção desses textos. Empregaremos níveis da narratividade e da discursividade, do percurso gerativo do sentido da semiótica greimasiana, orientados pelas seguintes questões: há uma construção de imagem estereotipada de rico e de pobre nos textos selecionados? Essas temáticas reverberam o preconceito em ambos os textos para a classe de pobres? O estudo norteia-se, teoricamente, na Semiótica Greimasiana, com os estudos de Barros (1997), Greimas (2017), Greimas e Courtés (2018), Fiorin (2004 e 2018), e em obras que abordam o humor como os de Possenti (2010), Bergson (1983 e 2004) e Eagleton (2020). A apresentação visa contribuir com a elaboração de tese em andamento que analisa os vídeos com temática de rico e de pobre. Intentamos, por meio dos estudos semióticos e do humor, discutir como essas temáticas emergem a partir das estratégias selecionadas pelo sujeito do discurso. Como resultado, queremos ratificar que o humor pode advir de textos distintos, no entanto, o preconceito e a discriminação dependem das estratégias selecionadas para o que é dito.

Palavras-chave: Sintaxe Discursiva; tematização; figurativização; humor.

USO DO PENSAMENTO EVOLUTIVO EM ESTUDOS SOBRE A(S) LÍNGUA(S): DISPARIDADES DE GÊNERO NAS PESQUISAS

Thiago Macek Gonçalves Zahn

A pesquisa de doutorado em andamento investiga os usos do pensamento evolutivo para estudar a(s) língua(s). Levantamento bibliográfico e análises bibliométricas revelaram frentes de pesquisa diversas, focadas em métodos distintos e processos de evolução biológicos, culturais ou ambos. Frente a esses achados, o foco se voltou a um estudo epistemológico, que levou à sugestão de que uma forma de aproximar abordagens na área seria tomar como base uma teoria evolutiva generalizada (*sensu* BARAGHITH & FELDBACHER-ESCAMILLA, 2021; BARAGHITH, 2023), em que as próprias línguas são entendidas como sistema evolutivo (ver p.ex. GODFREY-SMITH, 2009; SCHURZ, 2011; KIRBY ET AL, 2017). A análise epistemológica debruçou-se também sobre especificidades das explicações evolutivas (ver p.ex. BOCK, 2007; REYDON, 2021), buscando situá-las dentro da linguística e comparando-as com outros tipos de explicação e visões tradicionais da explicação evolutiva na linguística (ver p.ex. ITKONEN, 2013). Seguindo recomendação recebida na qualificação, as análises bibliométricas estão sendo ampliadas para investigar disparidades de gênero na área investigada. Para isso, o banco de dados utilizado (2597 documentos de mais de 3800 autores, publicados entre 1950 e 2022) está sendo retrabalhado para identificar os gêneros das(os) autoras(es) a partir dos primeiros nomes. O gênero foi identificado manualmente para um subconjunto dos dados, permitindo mensurar a precisão do processo. O banco de dados atualizado será utilizado para mensurar disparidades de gênero na área em aspectos como: a) produção total e por país; b) quantidade de citações recebidas; c) representatividade nos agrupamentos/frentes de pesquisa identificados nas análises; d) representatividade nos temas de pesquisa identificados. Resultados preliminares a partir dos dados com gênero inserido manualmente apontam forte desigualdade na área, com quase 80% de homens entre os indivíduos com maior produção e/ou mais citados. A ampliação da pesquisa para identificar tais desigualdades é um passo importante para buscar maior representatividade futura na área.

Palavras-chave: Linguística Evolutiva; Teoria Evolutiva; Bibliometria; desigualdade de gênero.

GLOSSEMÁTICA E MINERAÇÃO DE TEXTO

Tulio Ferreira Leite da Silva

O trabalho automático de reduzir um enunciado a alguma polaridade entre positivo e negativo é conhecido com análise de sentimento na Computação. Atualmente, os modelos mais avançados contam com quatro termos (neutro e misturado completam a quadra). Entretanto, a partir da semiótica tensiva, temos obtido (SILVA; 2021, 2023) uma melhor e mais ampla representação de fenômenos complexos, expressos por meio de avaliações de restaurantes no *TripAdvisor* e textos publicados no *Twitter*. No modelo semiótico, são seis os termos utilizados (saturação, atenuação, minimização, extinção, restabelecimento e recrudescimento) para fazer a classificação automática. A partir dos princípios silábicos propostos por Saussure, baseados na implosão e na explosão, Claude Zilberberg (2006, 2012, 2019) construiu todo um aparato sobre as bases da própria linguagem. Todavia, esse grande poder de modelização não é um privilégio da Semiótica contemporânea. Louis Hjelmslev, já em seu *Principes de Grammaire Générale* (1928) demonstrava a potência e maior exatidão dos modelos não apriorísticos, extraídos da própria linguagem. Por exemplo, crítico a respeito do fato de Jespersen ter querido construir uma teoria gramatical sobre as bases da filosofia, Hjelmslev demonstra que o modelo triádico de subordinação daquele linguista poderia ser validado por um sistema mais linguístico. Para isso, utilizando um fato de linguagem, que é a recção, ele desenvolve e apresenta um modelo mais sofisticado para explicar a subordinação. Já em *Razão e Poética do Sentido* (1988), Zilberberg afirmava que o projeto de vida de Hjelmslev era a edificação de uma “ciência das categorias”. Com esta apresentação, portanto, buscamos criticar certos reducionismos do processamento de língua natural, inspirados pelo senso comum, e avançar rumo ao desenvolvimento de uma nova engenharia, glossemática, uma ciência da linguagem aplicada na otimização de sistemas humanos diversos. Neste primeiro momento, entretanto, apenas os modelos de processamento de língua natural serão objeto de nossa fala. Mais especificamente, apresentaremos algumas metodologias desenvolvidas para o *TripAdvisor* e para o *Twitter*.

Palavras-chave: Processamento de Língua Natural; Glossemática; Linguística Computacional; Semiótica Tensiva; Mineração de Texto.

SEMIÓTICA, GÊNERO E DECOLONIALIDADE: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER ORIGINÁRIA BRASILEIRA

Vanessa Pastorini

Neste trabalho de tese, temos como objetivo principal elucidar as construções das formas indígenas das mulheres brasileiras por meio da análise de duas obras literárias: *Metade Cara, Metade Máscara*, de autoria de Eliane Potiguara (2018), e *Ser mulher indígena é...*, organizado por Jônia Lima (2018). Ao considerarmos a produção indígena como uma prática semiótica antes interdita no seio da semiosfera brasileira, assumimos tratar-se de um trabalho decolonial, inserido no quadro de reavaliação/reinterpretação dos saberes existentes até então. Em virtude, portanto, da necessidade de compreensão de um todo de sentido, abarcando como base a semiosfera colonial brasileira, bem como o surgimento de formas de vida emergentes, nós nos apoiaremos na noção de bricolagem proposta por Lévi-Strauss (1962) na estruturação de um aparato teórico-metodológico que atenda as demandas da pesquisa. Partiremos da concepção de Semiosfera, proposta por Iuri Lotman (2016), no intuito de compreender o funcionamento da cultura brasileira enquanto um todo de sentido. Como o foco de nosso estudo é sobre a formulação de novas práticas não antes permitidas no seio da cultura normatizadora brasileira, analisaremos as duas obras indígenas supracitadas a partir das considerações dos pressupostos teóricos oferecidos por Jacques Fontanille e os seus trabalhos em torno da noção de *Forme de Vie* (2015). O caráter interdisciplinar do trabalho exige, ainda, o recurso dos estudos de Eduardo Viveiros de Castro (2015), Philippe Descola (2015) e Bruno Latour (1991), além de um retorno aos estudos de gênero, propostos por Maria Lugones (2020) e Françoise Vergès (2019).

Palavras-chave: mulheres-indígenas; formas de vida; Semiótica da Cultura; decolonialidade.

UM ESTUDO PILOTO SOBRE A PERCEPÇÃO DA FALA SINCRONIZADA: RESULTADOS DE UMA ESCALA CATEGÓRICA E UMA ESCALA CONTÍNUA

Verônica Penteado Siqueira

Este trabalho irá apresentar um estudo piloto de percepção, discutindo sua metodologia e alguns resultados. O experimento de percepção, que compõe o projeto de doutorado, tem como objetivo investigar se existe na fala sincronizada (CUMMINS, 2018) uma duração típica, a partir da qual os indivíduos percebem uma fala como sincronizada. O propósito deste estudo piloto, mais especificamente, é avaliar dois tipos de escala de resposta e diferentes tipos de estímulos, a fim de selecionar uma das escalas para o experimento, bem como determinar o desenho experimental final. A tarefa consiste em ouvir gravações de pares lendo um texto em conjunto e avaliar o quão sincronizados eles estão, por meio de dois testes. O primeiro é um teste de classificação cuja escala de resposta é categórica, a partir da qual se obtém um número inteiro de 1 a 6. O segundo é um teste de classificação cuja escala é contínua, obtendo-se um número real de 0 a 100. O *design* apresenta cinco variáveis independentes: 2 textos x 2 enunciados (de cada texto) x 8 durações da assincronia (de 0 a 315 milissegundos, em um intervalo de 45 milissegundos) x 3 locais da assincronia (início, meio ou final do enunciado) x 2 tipos de deslocamento (deslocamento de uma sílaba e deslocamento da frase a partir da assincronia manipulada), totalizando 192 estímulos. São duas as variáveis dependentes: *rating* (da escala categórica ou contínua) e tempo de reação. Entre os principais resultados, observou-se que, para ambas as escalas, os sujeitos tendem a classificar a maior parte dos dados como mais sincronizados, sendo a classificação 5 a resposta mediana na escala categórica e o valor 70 a média de resposta da escala contínua. Observou-se diferença significativa para o fator tipo de deslocamento, bem como interação entre os fatores duração e local, para ambas as escalas.

Palavras-chave: fonética; fonética experimental; fala sincronizada; percepção da fala.

MUDANÇAS NO SIGNIFICADO DE “MENSTRUACÃO” AO LONGO DE SEIS DÉCADAS: EVIDÊNCIAS DE WORD EMBEDDINGS

Viviane Mieko Ito

Com o objetivo de analisar quais associações são feitas ao termo “menstruação” e como estas mudaram ao longo dos anos, este trabalho apresenta uma análise de um *corpus* de 85.777 resumos de artigos científicos em inglês sobre menstruação publicados entre os anos de 1970 e 2019. Os métodos aplicados na análise são provenientes do Processamento de Linguagem Natural. Primeiramente, a base foi construída pela extração dos textos da plataforma PubMed, com o uso da palavra-chave “menstruação” e seus sinônimos. A plataforma é conhecida por sua reputação de base de dados confiável para artigos científicos do setor de saúde. Num segundo momento, os textos foram categorizados por década e foi feita a sua análise lexical, apoiada na geração de *word embeddings*. Para esta tarefa, foram utilizados Word2Vec, GloVe, fastText e ELMo. Os resultados indicam mudanças dos sentidos da palavra “menstruação” nos estudos médicos ao longo das décadas. Enquanto nos anos 1970 a associação das palavras era restrita a doenças e gravidez, nos anos 2010, as associações com termos de saúde pública e movimentos sociais tornam-se mais frequentes. Por exemplo, a associação a termos como “vergonha” e “masculinidade” apresenta 10% de similaridade com “menstruação” a partir dos anos 2010. Além disso, algumas condições passam a ser estudadas, como por exemplo, a “perimenopausa”, que apresenta 35% de similaridade a partir dos anos 2000. Os resultados apontam para uma inserção de temas sociais na agenda de pesquisa médica relacionada à menstruação, dialogando com estudos da área que demandam por abordagem mais humanizada, isto é, centrada nas necessidades de pacientes e não meramente na descrição de sintomas das doenças.

Palavras-chave: Processamento de Linguagem Natural; *word embeddings*; menstruação; PubMed.

O conteúdo dos resumos é de responsabilidade de seus autores.
Reprodução permitida mediante citação de autores e fonte.



ACESSE:



ENAPOL_LINGUISTICA